



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

EDUARDO BENTO DA SILVA

**TRAJETÓRIAS PESSOAIS, FORMATIVAS E PROFISSIONAIS: OS PROFESSORES
NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA CIDADE DE DONA INÊS/PB**

**GUARABIRA/PB
2023**

EDUARDO BENTO DA SILVA

**TRAJETÓRIAS PESSOAIS, FORMATIVAS E PROFISSIONAIS: OS PROFESSORES
NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA CIDADE DE DONA INÊS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Formação Docente e Identidades: gênero, sexual, geracional, étnico-racial.

Orientadora: Profa. Ma. Sheila Gomes de Melo

**GUARABIRA/PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586t Silva, Eduardo Bento da.
Trajetórias pessoais, formativas e profissionais
[manuscrito] : os Professores na educação infantil da cidade de
Dona Inês/PB / Eduardo Bento da Silva. - 2023.
80 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Ma. Sheila Gomes de Melo ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CH. "

1. Docência. 2. Educação Infantil. 3. Gênero Masculino. 4.
Histórias de vida. I. Título

21. ed. CDD 371.12

EDUARDO BENTO DA SILVA

**TRAJETÓRIAS PESSOAIS, FORMATIVAS E PROFISSIONAIS: OS PROFESSORES
NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA CIDADE DE DONA INÊS/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Formação Docente e Identidades: gênero, sexual, geracional, étnico-racial.

Aprovada em: 15/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Ma. Sheila Gomes de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa (Examinadora 1)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^º. Dr. Luandson Luis da Silva (Examinador 2)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e por ser meu refúgio nos meus momentos bons e ruins.

À minha mãe, Cicera Bento da Silva, ao meu pai, Everaldo José da Silva, por sempre estarem presentes na minha vida, por todo o apoio e confiança dado até aqui e por sempre acreditarem no meu potencial. A eles deposito a credibilidade da inspiração da construção do meu caráter.

A minha avó Genilda Ana da Silva, ao qual sempre procurava saber como eu estava, assim como iam meus estudos, sempre bem humorada, aconselhava-me a sempre continuar estudando. Também a meu avô, Geraldo Alexandre.

Ao meu avô José Bento do Nascimento, e minha avó Rosa Adelaide da Silva (*in memoriam*), os quais mesmo não estando mais presentes em nosso meio, permanecem vivos nas minhas lembranças.

Aos meus irmãos, Darlan, Eveline e Lucas, que também contribuíram para que eu pudesse estar aqui.

A Rozimere P. Marques, colega de curso e excelente pessoa, que sempre bem humorada, se fez presente nos momentos bons e ruins, passando pensamentos positivos, além de nunca se negar a me ajudar nos momentos de dúvidas. Pessoa super inteligente e acolhedora.

A todos os meus colegas de curso, em especial a Cláudia, Janiele e Rozimere. Sentirei saudades do convívio e experiências vividas.

À minha prezada professora Ma. Sheila Gomes de Melo, por toda a orientação, leituras, conversas, e todo o compromisso, apoio e confiança depositados em mim na construção desse trabalho. Excelente pessoa e profissional.

A todos os professores, professoras e demais funcionários por sempre zelar pela educação e manutenção da UEPB - Campus III.

“A identidade não é um dado adquirido, não é produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão” (NÓVOA, 1992, p. 16).

RESUMO

A pesquisa focalizou o gênero masculino na Educação Infantil, trazendo para esse estudo a trajetória de professores dessa primeira etapa da Educação Básica de uma cidade do agreste paraibano, por meio da história oral da vida desses profissionais homens, nesse ambiente ao qual é tido como exclusividade das mulheres. Diante disso, a questão problema é: qual a trajetória de vida do ponto de vista pessoal, formativo e profissional dos professores, na educação infantil da cidade de Dona Inês/PB, como elemento para a escolha da docência?. O presente estudo foi delineado tendo como **objetivo geral**: analisar a escolha dos professores pela docência na Educação Infantil da cidade de Dona Inês/PB, e como **objetivos específicos**: conhecer a história pessoal, a formação acadêmica e a experiência profissional dos professores que atuam, ou atuaram, nas salas de aula da educação infantil; identificar, a partir dos relatos, quais são as percepções dos professores acerca da docência na Educação Infantil; compreender em que medida as trajetórias pessoal, formativa e profissional condicionam as escolhas dos pedagogos pela docência na Educação Infantil. É de grande relevância social abordar essa temática, devido a noção de que o ingresso dos homens em especial nessa fase de ensino, não ser vista supostamente com bons olhos, muito menos compreendida como algo natural e necessário para a educação e cuidados para com as crianças pequenas. Para a realização desse estudo, foi necessário contar com aportes teóricos como, Araújo e Hammes (2012), Arce (2002), Ferreira e Oliveira (2019), Ariès (1981), Jaeger e Jacques (2017), Tardif (2014), Bourdieu (2012). Assim, a presente pesquisa assume um método de cunho qualitativo em educação, fazendo uso da pesquisa de campo e do método da história de vida, onde os sujeitos foram três professores, que trabalham ou já trabalharam na educação Infantil. Logo, a pesquisa apontou que as histórias de vida dos sujeitos não são construídas de maneira linear, as trajetórias pessoal e formativa se tornam elementos desafiadores, pois muitas das vezes não seguem o esperado. No entanto, esse percurso seguido é fundamental para a construção de suas identidades profissionais, onde esses conhecimentos podem ajudar os sujeitos na adaptação de suas respectivas áreas de trabalho, bem como o professor na Educação Infantil.

Palavras-Chave: Docência. Educação Infantil. Gênero Masculino. Histórias de vida.

ABSTRACT

The research focused on the male gender in Early Childhood Education, bringing to this study the trajectory of teachers in this first stage of Basic Education in a city in the rural area of Paraíba, through the oral history of the lives of these male professionals, in this environment to which they are considered exclusive. of the women. In view of this, the problem question is: what is the life trajectory from the personal, formative and professional point of view of teachers, in early childhood education in the city of Dona Inês/PB, as an element for the choice of teaching?. The present study was designed with the general objective: to analyze the choice of teachers for teaching in Early Childhood Education in the city of Dona Inês/PB, and as specific objectives: to know the personal history, academic training and professional experience of the teachers who work, or acted, in the classrooms of early childhood education; to identify, from the reports, what are the teachers' perceptions about teaching in Early Childhood Education; understand to what extent the personal, formative and professional trajectories condition the choices of educators for teaching in Early Childhood Education. supposedly seen with good eyes, much less understood as something natural and necessary for the education and care of young children. To carry out this study, it was necessary to rely on theoretical contributions such as Araújo and Hammes (2012), Arce (2002), Ferreira and Oliveira (2019), Ariès (1981), Jaeger and Jacques (2017), Tardif (2014), Bourdieu (2012). Thus, this research assumes a qualitative method in education, making use of field research and the life history method, where the subjects were three teachers, who work or have worked in Early Childhood Education. Therefore, the research pointed out that the subjects' life histories are not built in a linear way, the personal and formative trajectories become challenging elements, as many times they do not follow what is expected. However, this path followed is fundamental for the construction of their professional identities, where this knowledge can help subjects adapt to their respective areas of work, as well as teachers in Early Childhood Education.

Keywords: Teaching. Child education. Male gender. Life stories.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro de categorias para análise dos dados.....	37
Quadro 2 - Professor Anísio Teixeira.....	58
Quadro 3 - Professor Florestan Fernandes.....	65
Quadro 4 - Professor Paulo Freire.....	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CF	Constituição Federal
EI	Educação Infantil
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A EDUCAÇÃO INFANTIL: TRILHANDO ALGUNS CAMINHOS.....	13
2.1 Algumas reflexões históricas sobre a Infância e a Educação Infantil.....	13
2.2 A educação infantil do município de Dona Inês/PB.....	17
3 QUESTÕES SOBRE GÊNERO: COMPREENDENDO A PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
3.1 O professor na Educação Infantil: inserção e permanência.....	22
3.2 A Identidade docente do professor: afirmação e aceitação.....	26
4 METODOLOGIA.....	30
4.1 Campo de pesquisa.....	31
4.2 Sujeitos da pesquisa.....	32
4.3 Breve perfil (profissional e formativo) dos sujeitos da pesquisa.....	34
4.4 Etapas da pesquisa.....	34
5 BASES PESSOAIS, FORMATIVAS E PROFISSIONAIS: ANÁLISE DE DADOS....	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICES.....	58

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho vem abordar uma temática de grande relevância social, voltada às discussões que giram em torno da figura do pedagogo, principalmente quando esse profissional busca um espaço na Educação Infantil. Por isso, é imprescindível lançar luz sobre a ausência da figura do gênero masculino na atuação do ambiente de sala de aula nas creches e pré-escolas. De acordo com Jaeger e Jacques (2017, p. 550) "[...] a forte presença das mulheres e o escasso número de homens neste contexto apontam que é necessário e urgente viabilizar essas discrepâncias [...]". Para compreender melhor esse contexto supracitado, a pesquisa enfatizou a atuação dos profissionais da educação da cidade de Dona Inês-PB, por meio das trajetórias de vida, motivações, dificuldades, entre outros fatores enfrentados por esses professores, inclusive na construção da sua formação como pedagogos.

Optei por pesquisar sobre o gênero masculino na Educação Infantil, justamente pela grande necessidade de mostrar a disparidade existente entre o gênero masculino, em relação ao feminino no tocante à docência, onde nota-se que as mulheres acabam exercendo um forte domínio do campo da pedagogia, em específico, na educação infantil. Inclusive, já tinha ouvido relatos não só de pessoas, mas também de redes de informações que evidenciavam essa sucinta presença masculina na pedagogia, em especial na educação infantil. Para o meu campo de visão social, me mantinha na neutralidade, porém, observava que essa era uma questão que exerciam pouquíssimos pros, no entanto, muitos contras.

Ao ingressar no curso de pedagogia, foi possível comprovar na prática essa veracidade. Esse choque de realidade já começou quando percebi que nos demais cursos do campus, tinha, digamos, um certo equilíbrio entre a quantidade de homens e mulheres, enquanto nas salas de pedagogia, o sexo feminino predominava consideravelmente, a exemplo da minha sala, onde tinham vinte e três(23) mulheres e apenas cinco(5) homens. Daqui em diante, fui percebendo olhares de julgamento, além de diálogos com algumas pessoas, inclusive profissionais mulheres da mesma área que me questionavam pela escolha dessa área, além da certa pressão psicológica que enfrentaria nesse campo, em específico na Educação Infantil.

Nessa jornada até aqui, já ouvi muitas coisas, dentre elas, que o homem não consegue ser lúdico e que deveria atuar apenas entre o quarto e quinto ano do fundamental I. Com isso, me sentia inseguro, mas no Estágio Supervisionado I, que aliás foi com uma turma de Pré-I, provei não só para os demais, mas para mim mesmo, que nós homens também sabemos trabalhar com a ludicidade. Outro fator importante, aconteceu nessa mesma turma (pré-1),

onde um aluno se machucou brincando, e sua coleguinha (menina) ficou assustada, e veio em minha direção pedindo para que eu colocasse a mão no seu coração, que fica do lado esquerdo do peito, para que visse o quanto ela estava nervosa, fiquei mais nervoso que ela com esse pedido, pois outras profissionais mulheres tinham vindo olhar o que aconteceu. Fiquei receoso, não havia maldade ali entre a gente, mais poderiam ver e interpretar de uma forma maldosa, assim, rapidamente fingi que encostei, e a acalmei com palavras, e isso me motivou a refletir e pesquisar sobre esse universo do gênero masculino na educação infantil, e o quanto os pedagogos homens passam diariamente por esses medos e dificuldades de aprovação.

Esse estereótipo¹ pode estar relacionada à questão do lidar com crianças que necessitam não só do educar, mas também dos cuidados de higiene que subseqüentemente exigirão levar a criança ao banheiro, dar banho, trocar roupas, entre outras situações que requerem o contato físico. Esses momentos, fundamentais no ensino infantil, acabam distanciando e gerando preconceitos sobre o pedagogo, onde o mesmo acaba sendo visto como um lobo na pele de cordeiro, ou seja, os pais e inclusive até mesmo o próprio corpo da escola entendem que pode haver situações em que, por ser homem, o professor possa aproveitar desses momentos para abusar da criança, assim, generalizando nossa classe por condutas errôneas de terceiros.

Dessa forma, essa temática assume um papel importante no contexto da educação, considerando a necessidade da quebra desses estereótipos que acabam sendo veiculados dentre elas, pelas mídias de uma forma que rotulam todos os homens de forma generalizada, como se por ser homem, não poderia ou não estaria apto a ensinar e cuidar de crianças. Logo, essa pesquisa pretende mostrar, também, que é necessário que a sociedade reflita e repense seus pensamentos e, conseqüentemente, inclua de forma profissional e igualitária, o homem nas salas de aulas da Educação Infantil, já que recebemos a mesma preparação acadêmica que as mulheres, onde há uma partilha dos mesmos conhecimentos teóricos, e porque não de um mesmo ambiente de trabalho.

Diante disso, a questão-problema é: qual a trajetória de vida do ponto de vista pessoal, formativo e profissional dos pedagogos, na educação infantil da cidade de Dona Inês/PB, como elemento para a escolha da docência?

Para que essa pesquisa fosse possível, traçou-se como objetivo geral, analisar a trajetória de vida, do ponto de vista pessoal, formativo e profissional, dos pedagogos na educação infantil da cidade de Dona Inês/PB, como elementos para a escolha da docência.

¹ s.m. (Do gr. *stereos*, sólido + *tipo*.) 1. Clichê obtido por estereotipia; estéreo. -2. Caracterização simbólica e esquemática de pessoas ou grupos cujo comportamento se adapta às expectativas e julgamentos sociais de rotina. 3. Conceito padronizado sobre pessoas, povos, raças, escolas de arte, ideologias, que serve de base à formação de preconceitos. 4. - Fig. Lugar-comum; chavão, clichê.

Como objetivos específicos, é necessário: 1. Investigar a trajetória de vida, pessoal, formativa e profissional dos docentes atuantes nas salas de aula da educação infantil; 2. Identificar as percepções dos professores em relação a escolha da docência; 3. Buscar a relação da história de vida dos professores com a identidade profissional. A pesquisa é qualitativa em educação, passando a assumir-se também como uma pesquisa de campo, onde foram realizadas entrevistas e questionários para a realização da coleta de dados da história de vida desses professores da educação infantil da cidade de Dona Inês/PB.

Dessa forma, a presente monografia está estruturada em seis capítulos, da introdução às considerações finais. Na introdução é feita uma breve contextualização do que se encontrará ao longo deste trabalho, como também a justificativa da escolha do tema, os objetivos gerais e específicos, e um pouco da parte metodológica. No segundo capítulo, apresentam-se discussões sobre a Educação Infantil, com dois subtópicos. No primeiro, foram abordadas algumas reflexões históricas sobre a Educação infantil de um modo mais amplo; no segundo subtópico, um panorama delimitado para o município de Dona Inês/PB. No terceiro capítulo é discutido a respeito das questões sobre gênero, pretendendo compreender a presença masculina na Educação Infantil, e conta com dois subtópicos. O primeiro trata do professor na Educação infantil abordando a inserção e permanência desse profissional, enquanto no outro discute a identidade docente desse professor. No quarto capítulo, apresenta-se os passos metodológicos adotados para a realização dessa pesquisa, como sobre o campo de pesquisa, os sujeitos e os instrumentos. No capítulo cinco traçam-se as discussões e análises dos resultados das histórias orais por meio das entrevistas e questionários e, subsequentemente, seguido pelas considerações finais, referências e apêndices.

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL: TRILHANDO ALGUNS CAMINHOS

Neste capítulo, será apresentado uma breve contextualização que abrange a importância da pedagogia para a sociedade, o surgimento da compreensão sobre a infância, bem como o protagonismo masculino no passado e na realidade atual. Além disso, serão mostrados alguns aspectos da educação infantil na cidade de Dona Inês/PB.

2.1 Algumas reflexões históricas sobre a Infância e a Educação Infantil

A Educação Infantil ao longo de sua trajetória histórica, vem se mostrando como algo relevante e indispensável na construção de uma educação mais significativa e prazerosa. Nessa fase de ensino há uma relação mais próxima com o núcleo familiar, pois as instituições escolares (berçários; creches; pré-escolas) aparecem com o intuito de prezar pela educação e cuidados dos pequeninos, o que reflete no quanto essa primeira etapa de ensino é necessária para o desenvolvimento cognitivo, físico, e entre outros fatores que os preparam para uma melhor vida social e profissional.

Sabe-se que para alcançar esses avanços, é necessário a presença de uma figura indispensável nesse contexto educacional, a pessoa do(a) professor(a). Mas, um fator que chama a atenção nessa área da pedagogia é, justamente, a escassa presença do gênero masculino na atuação da educação infantil.

Conforme destacam Araújo e Hammes (2012, p.7) "Raramente são encontrados homens em cursos de Pedagogia com habilitação em educação Infantil e séries iniciais. Mais incomum ainda é encontrá-los lecionando para séries iniciais e principalmente na educação infantil." Então, percebe-se aqui, um ambiente onde a figura masculina é minoritária, mesmo sendo uma etapa fundamental da educação, e ao qual, profissionalmente esse discente foi preparado.

Como coloca Ferreira e Oliveira (2019, p. 306) "A observação da atuação docente na educação infantil destaca uma realidade singular em relação a grande parte do mercado de trabalho no Brasil, pois há uma presença quase exclusiva de mulheres exercendo tal profissão". Dessa forma, ao olharmos esse cenário da contemporaneidade, é possível observar que as salas de aula dessa etapa de ensino são tidas como um espaço tipicamente feminino, o que acaba naturalizando a ausência dos homens nessa área, e onde, a presença dos mesmos, acaba se tornando um fator desafiador. Os olhares cercados por pré-julgamentos, e que de certa forma abalam a autoconfiança do professor, reforçando os estereótipos. No entanto, alguns pesquisadores, teóricos da educação, tiveram sua parcela de contribuição quanto aos

avanços da educação infantil ao qual temos hoje, e isso deve ser evidenciado. Araújo e Hammes (2012, p. 10)

Percebe-se que além de desenvolver suas teorias a partir de pressupostos idealistas inspiradas no amor à criança, Froebel (1782-1852) também foi notadamente reconhecido pela criação dos jardins de infância. O que demonstra que a educação infantil não deve ser feminilizada, excluindo os homens de participarem dessa etapa da educação.

Dessa forma, ainda seguindo o pensamento dos autores, é preciso notarmos que não apenas Froebel, mas também, Paulo Freire, Freinet, Piaget, Rousseau e entre outros teóricos de grande referência, ao qual não só contribuíram, mas ainda são de fundamental importância para as pesquisas pedagógicas.

Realmente é relevante tocar neste quesito, justamente por se tornar necessário que as pessoas enxerguem que até chegarmos no contexto atual, existiu toda uma trajetória para que fosse possível toda essa atenção para com as crianças.

Assim, no que concerne o pensar e agir mediante os aparatos históricos ideológicos ao longo dessa caminhada até a contemporaneidade, regida além das lutas por direitos, como também por aparatos legais, como as Políticas Públicas.

Conforme Ariès (1981, p. 50) "Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la." O interessante, é que o mesmo autor consegue trazer um fator que caracteriza-se como um resquício de evolução desse sentimento de infância, que foi feita por meio dos retratos que acabavam sendo de certa forma, embora não representassem um certo valor para aquela época, mas indiretamente se caracterizava como um símbolo de representatividade das crianças. Como coloca Ariès (1981, p. 51):

[...] O pintor não hesitava em dar à nudez das crianças, nos raríssimos casos em que era exposta [...] Embora exibisse mais sentimento ao retratar a infância, o século XIII continuou fiel a esse procedimento [...] No mundo das fórmulas românicas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido.

De fato, existiam essa compreensão da criança como um adulto em miniatura. Porém, o meio iconográfico serviu como incentivador nessa construção consideravelmente relevante, pois, passou-se a ter aos poucos, uma magnitude na evolução nesse sentido de caracterização das crianças, mesmo que não houvesse ali, um definitivo sentimento de dar visibilidade a particularidade da infância das crianças, porém, percebe-se que foi um começo necessário. Ainda continuando nas ideias do autor, foram surgindo novas etapas de retratos com a utilização da figura da criança, a exemplo, de teor religioso, mas, o sentimento de infância agora, passava a ter uma evolução. Na fala de Ariès (1981, p 54).

Por outro lado, o tema da infância sagrada, a partir do século XIV, não deixaria mais de se ampliar e de se diversificar sua fortuna e sua fecundidade são um testemunho do progresso na consciência coletiva desse sentimento da infância, que apenas um observador atento poderia isolar no século XIII, e que não existia de todo no século XI.

Percebe-se então, que gradativamente vai se delineando a consciência do sentimento de infância. Logo, indo um pouco mais adiante no tempo, para além do século XIV, será possível notar que a criança continuará progressivamente, ganhando respeito às suas particularidades. As questões da atenção familiar e social passam aos poucos, periodicamente a serem construídas.

O interessante nesse contexto, é justamente pelo motivo da extrema relevância feminina no núcleo familiar, especialmente no cuidado dos filhos e do lar. Assim, a criança era tida como dependente das necessidades da presença materna, tendo as mulheres como uma figura de representatividade no cuidado para com o desenvolvimento contínuo das crianças. Assim, de acordo com Almeida (2002) citado por Araújo e Hammes (2012, p. 10).

No século XIX destacamos a figura de Friedrich Froebel (1782 - 1852). educador protestante alemão que desenvolveu suas teorias arraigadas em pressupostos idealistas inspiradas no amor à criança e à natureza. Foi notadamente reconhecido pela criação dos "Kindergartens" (jardins de infância), nos quais destacava ser importante cultivar as almas infantis e para isso o fundamental era a atividade infantil.

É admirável observar como foi acontecendo gradativamente essa valorização da particularidade da criança, mais interessante ainda é essa evolução advinda no século XIX, quando percebe-se que esse reconhecimento, vindo do olhar de um educador do gênero masculino, isso porque, de certa forma quebra os padrões de que apenas as mulheres e seu amor materno seriam capazes dessa extensão da atenção cuidadosa com a infância.

Assim, como na fala de Arce (2002, p.108) "Froebel foi um dos primeiros educadores a se preocupar com a educação de crianças pequenas [...]". Então, o primeiro jardim de infância, assim como o olhar de Froebel para essa área da Educação infantil, surgem de certa forma como uma quebra de pensamentos, que recaem sobre o gênero masculino. Dessa forma, é percebido que houve avanços incontestáveis ao longo dessa jornada pela busca por uma sociedade mais justa, que reconhecesse as crianças como pessoas também de direito.

Observando esse cenário, é inegável que foram várias lutas até o reconhecimento da importância de se preservar as particularidades das crianças ao longo da Educação Infantil. Conforme Kuhlmann Jr. *apud* Souza, Campos e Carvalho (2022, p. 128)

Historicamente, a oferta de educação para crianças pequenas deu-se por meio de práticas assistencialistas e higienistas, configurando-se inicialmente como um direito das mães trabalhadoras. Nesse contexto, conceberam-se algumas ideias sobre a

Educação Infantil: a) as instituições como lugar de cuidado, guarda e disciplinamento; b) o exercício da docência somente por mulheres (KUHLMANN JR., 1998). Essas ideias perduraram até o final do século XX, quando surgem novos estudos, leis e políticas públicas (ONU, 1989; 1994; BRASIL, 1988; 1996; 2009) sobre a educação da criança pequena, concebendo seu direito à educação sob outro cenário.

Tendo em vista que esse processo, descrito no parágrafo acima, acontecendo devido a revolução industrial, onde havia a necessidade das mulheres trabalharem, é que dessa forma, criou-se as creches no intuito de que essas crianças tivessem um lugar para ficarem enquanto suas mães trabalhavam, e que por isso, nada melhor, que outras mães cuidarem dos pequenos.

Assim, foram adotados esses métodos, onde é notório que são considerados cuidados maternos, haja vista que as mulheres sempre foram tidas como pessoas que conseguem lidar com a maternidade assim como os elementos que o constituem, como o carinho, o amor, cuidado e outros, de uma forma mais acolhedora, e de certa forma, a mesma detém todos esses requisitos, mais que homens.

No entanto, é possível observar que aquela figura masculina ao qual era dotada de rigidez e frieza no sentido de ofertar, por exemplo, um carinho explícito, foi se modificando ao longo dos tempos. E, com isso, é preciso perceber que a figura paterna também, sem dúvidas, é fundamental e necessária para essa conjuntura não só do laço familiar, mas dentro dos ambientes institucionais, como a primeira etapa da Educação Infantil.

Então, percebe-se que a sociedade vai se moldando, isso não por acaso, mas sim, mediante as lutas e reivindicações de direitos, ao qual são de fundamental relevância para a construção de novos cenários estabelecidas através das conquistas mediante as imposições, que apesar de demorarem e passarem por um processo longo e gradativo, a esperança nunca morre, e sempre ressurge como um raio de sol todas as manhãs.

Vemos que as mulheres, foram incumbidas de lidar com a fase inicial da Educação. Mas, esse cenário foi se modificando, tendo em vista, as conquistas por direitos iguais, isso sem dúvidas, visando as potencialidades de ambos os sexos em lidar com as mais variadas áreas de trabalho, independente da cor da pele, do gênero ou qualquer outra distinção, já que o conhecimento é capaz de tornar o ser humano, construtor da equidade em vários espaços formais ou informais.

Visando essa questão em relação aos direitos iguais nos espaços de trabalho, é imprescindível apontar nos conjuntos de normas jurídicas, a inexistência de leis que inibam a presença masculina na docência da EI.

À exemplo dessa colocação, ao olharmos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN(BRASIL, MEC. 1993), é notório que em nenhum momento encontra-se alguma normativa que proíba a presença do gênero-masculino na atuação dessa primeira etapa

da Educação Básica. Assim como também a Constituição Federal (CF) de 1988, traz em seu Art. 5º no inciso I - “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. Assim, nota-se que a sociedade passou a construir culturalmente seus estereótipos nesse aspecto, ao qual acabou-se de certa forma destoando do que as normas abordam, e conseqüentemente, normalizando a ausência dos pedagogos homens nesses espaços da EI.

2.2 A educação infantil do município de Dona Inês/PB

É interessante trazer para essa reflexão, um pouco do panorama da Educação Infantil na cidade de Dona Inês/PB, já que a mesma servirá de *locus* para este trabalho. O município encontra-se localizado na Mesorregião do Agreste Paraibano, foi fundada desde 1959, onde possui até esse momento 63 anos de história e tradições.

Dentre outros fatores, ao voltarmos os olhares para a Educação Infantil (crianças de 0 a 5 anos e 11 meses de idade), essa fase ao qual é tão relevante e necessária para a evolução da criança no que diz respeito não só de seu conhecimento, mas também de suas potencialidades de modo geral, ao qual, torna-se uma fase indispensável para um país cuja sociedade encontra-se sempre em desenvolvimento, o que torna necessário essa atenção para com essa fase de ensino.

Debruçando-se mais sobre o município em questão, foi possível constatar segundo informações repassadas pela própria Secretaria de Educação e Cultura que, na cidade de Dona Inês/PB a Educação Infantil começou a ser implementada desde o ano de 1996, onde passou a tomar mais dimensão em especial na zona urbana do que na zona rural, sempre apoiando-se nas leis atuais, dentre elas, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996), bem como também as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (ano), Base Nacional Comum Curricular – BNCC (ano), além de seguir a Resolução do Conselho Municipal de Educação - CME de resolução nº 06/2019.

Dessa forma, segundo informações da Secretaria de Educação e Cultura, os motivos que levaram a necessidade de iniciar a efetivação da Educação Infantil no município, foi justamente quando percebeu-se a necessidade de ampliação dessa etapa de ensino, visando não apenas o direito da criança à educação ao qual é garantido por lei, mas também dispendo-se da preocupação de que essas crianças tivessem um ingresso na escola com o objetivo de que pudesse desenvolver de forma mais rápida as suas potencialidades. O que mostra o quanto é necessário e indispensável o olhar atencioso para essa primeira infância. Vale ressaltar que até então na zona rural não existia atendimento a essa primeira etapa da Educação Básica, a qual só foi disponibilizada a primeira escola em 2019.

Mas, atualmente a Educação Infantil já consegue alcançar todo o município de Dona Inês/PB, onde hoje passa a totalizar cerca de 10 unidades escolares que atendem a essa modalidade de ensino, sendo que 8 encontram-se localizadas na zona rural e 2 na zona urbana, bem como uma creche localizada na mesma, e nesse ano de 2023 passará a contar também com turma de berçário, sem contar que está sendo realizado a construção de uma nova creche na cidade, para que se possa ampliar os berçários no intuito de poder atender todas as demandas necessárias da população, garantindo uma melhor educação para os pequenos. O município também conta com 14 escolas que atendem os anos iniciais do ensino Fundamental I, mais que também exercem a Educação Infantil.

Contudo, atualmente são atendidos em sua totalidade, nessa etapa de ensino, 429 crianças. Dentre os meios utilizados para prosseguir com uma boa execução da Educação Infantil, o que está sendo feito a respeito disso é a utilização de recursos vindo do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica - FUNDEB, ao qual é utilizado para a aquisição de mais recursos didáticos, tais como, jogos, livros, brinquedos lúdicos, tablets e livros infantis, para que dessa forma, seja possível auxiliar pedagogicamente o(as) docentes nas suas rotinas com as crianças.

Dessa forma, compreende-se o quanto é importante constatar avanços com relação à educação, principalmente a infantil, mais relevante ainda é poder constatar o quanto os programas disponibilizados pelo Governo Federal são essenciais tanto para a construção de uma melhor estrutura de ensino para as crianças, quanto também para a manutenção dos mesmos. Toda essa discussão só mostra, só mostra o quanto é necessário que os municípios sempre busquem os caminhos que integrem cada vez mais essa primeira infância, pois a efetivação de uma melhor educação não se caracteriza apenas como uma execução do pleno direito constitucional, mas também na garantia da construção de uma sociedade progressista, capaz de se preparar cada vez mais para os avanços a sua volta.

3 QUESTÕES SOBRE GÊNERO: COMPREENDENDO A PRESENÇA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A questão de gênero é algo que deve ser evidenciado e discutido de forma fundamentada, pois acaba sendo mostrado como um sinônimo de distinção, principalmente, quando da atribuição de cargos e a ocupação de espaços sociais. Assim, torna-se algo comum, mas ao mesmo tempo preocupante, devido a esse teor classificatório e seletivo que circunda essa temática, a idéia é disseminada e compartilhada por muitas pessoas.

Ao adentrar nesse campo da perspectiva de onde surgiu a denominação do conceito de gênero, é possível observar, como na fala de Joan Scott (1995, p.72) que "na sua utilização mais recente, o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo". É possível encontrar o referente assunto em outras fontes, como no site da Politize, onde veremos que Moraes (2018, s/p) fala que "o conceito de gênero é presente no movimento feminista desde os anos 1970 [...]".

Nota-se nessas citações que há um entendimento relativo da precisão desse determinado fato relacionado ao surgimento do conceito de gênero. No entanto, ao olhar essa conjuntura, é evidente que as mulheres junto com suas lutas sociais, foram muito importantes ao mostrarem esse fator na medida que propuseram a evidenciar as desigualdades existentes entre as mulheres e homens, e isso foi feito através dos movimentos sociais em busca dessa igualdade de direitos, valores, oportunidades, dentre outros fatores.

Mas, isso mostra que sem dúvidas, de uns anos atrás até a contemporaneidade, houve avanços com relação a um melhor entendimento sobre gênero, e isso de certa forma foi surgindo mediante a curiosidade tanto da população em entender melhor o que estava ocorrendo ao seu redor, quanto dos estudiosos pesquisadores em fazer com que essas curiosidades fossem explicadas, já que veio tendo evoluções em inúmeros aspectos, dentre eles, no campo da pesquisa científica. Podemos evidenciar a ciência como o meio propulsor no processo de estudar e entender melhor as questões de gênero em nosso meio.

Partindo do mesmo ponto de vista, é relevante evidenciar, o quanto é comum as pessoas identificarem o gênero como uma questão biológica aplicada ao genital das pessoas, ao qual é definida na gestação. Para tecer um melhor entendimento sobre esses aspectos, é importante a compreensão de alguns conceitos e discussões atuais, tais como: o que é sexo, gênero e até a identidade de gênero. Dessa forma, segundo Moraes e Medeiros (2021, s/p).

O sexo diz respeito às características biológicas que diferenciam homens e mulheres. O sexo é usualmente determinado pelas genitálias [...] Gênero está vinculado a

construções sociais, não a características naturais [...] Identidade de gênero diz respeito ao gênero com o qual uma pessoa se identifica. É independente do sexo [...].

Dessa maneira, acabamos percebendo ainda que em meio a sociedade atual, existem pessoas que assumem um pensamento equivocada diante do real significado de gênero e o que o rodeia, conseqüentemente isso acaba sendo um forte disseminador de informações estereotipadas e preconceituosas. Diante dessa breve e direta explicação, a historiadora Joan Scott, também traz sua concepção referente ao gênero. Assim, Scott (1995, p. 86) define gênero como "[...] (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder". Mediante essas discussões, é interessante agora entender que o gênero é de fato algo que não é biológico como o sexo, mais se torna característico das interações com a sociedade.

De fato, explorar essa temática de gênero é muito interessante, tanto para criar um novo olhar mediante a temática, quanto para podermos entender melhor o caminho da pesquisa sobre a docência masculina na Educação Infantil. Isso porque, a historiadora norte-americana Scott, vem trazer uma outra abordagem a qual é importante e necessária para que possamos entender melhor essa perspectiva atual do gênero masculino na educação infantil, que é justamente, a questão do gênero como uma forma de relações de poder.

Nesse sentido, ao adentrar nesses discursos de gênero, principalmente na parte do que tange essa primeira etapa da educação básica, observa-se que esse contexto é movido por aspectos fundamentais aos quais giram em torno não apenas da educação, mas também aos cuidados, socializações e dentre outras ações. Percebe-se, também, que atuar nessa área, envolve toda uma afetividade, aliás, talvez apenas essa palavra consiga trazer aspectos para o entendimento do porque a figura masculina é descredibilizada e conseqüentemente substituída pelas mulheres, e esse momento, o que predomina são as visões conturbadas e abstratas que se espalham sobre os pedagogos homens e as compreensões sobre gênero, abordadas anteriormente.

Pertencemos a uma sociedade moderna, evoluída através de conceitos que promovem a liberdade de expressão e de espaços, e que portanto validam o respeito pelas colocações construtivas e reflexivas, contudo, em meio a uma República Democrática de Direitos, onde os homens percorrem o mesmo caminho acadêmico e profissional das mulheres, é inconstitucional é ato de exclusão, ou seja deixar que profissionais do gênero masculino fiquem de fora dessa integração educacional por motivo de gênero.

Em um país onde se preza tanto pelos direitos de igualdade, principalmente em relação a educação, não pode ser deixado que se dissemine mais ainda essa exclusão dos profissionais

do gênero masculino nesses espaços, bem como garantir às mulheres também o direito de atuarem em todas as esferas de trabalho, o que remete a necessidade da pluralização da equidade em todos os ambientes profissionais, sociais, culturais e entre outros que permeiam a convivência em meio às desigualdades evidentes que propagam cada vez mais os preconceitos estruturais.

Dessa maneira, diante dessa contextualização a respeito da pouca presença do gênero masculino nestes ambientes da EI, é que surgem explicações do porque isso acontece inclusive em meio a sociedade atual, onde ainda se preservam os estigmas a esses profissionais. Logo, Segundo Sayão (2005, p. 189) "O que "capacita" as mulheres a tocarem nos corpos das crianças e gera a desconfiança quanto ao abuso dos homens é que as primeiras controlariam sua sexualidade, enquanto os homens seriam incontroláveis". Isso faz com que consiga-se compreender, que nesses ambientes educacionais onde acolhem crianças pequenas, a presença do professor dificilmente será cogitada como essencial.

Logo, sempre existirão visões deturpadas sobre o gênero masculino como professor de crianças pequenas. Isso, evidentemente, acabou sendo estruturado gradativamente, são ideologias que ainda continuam alimentando um preconceito estrutural do gênero nos mais diversos espaços, isso é considerado um ato sexista, que emana de grande parte de uma sociedade arbitrária que traçam princípios ideológicos próprios, os qual acabam destoando da lógica dos princípios constitucionais e humanos estabelecidos no nosso país.

No livro "A dominação masculina" de Pierre Bourdieu, veremos que o mesmo aborda uma contextualização não apenas interessante, mas também relevante justamente sobre a compreensão do sexo masculino quanto do feminino, e gênero em meio a sociedade. E, como o próprio nome já destaca, este livro é voltado a entender a concepção da forte dominação masculina quanto a divisão do trabalho, mais que o mesmo traz um vasto conhecimento que podemos utilizar para compreendermos também a limitação de alguns ambientes de trabalho para os homens nesse contexto atual. Em uma fala de Bourdieu (2012, p. 20), ele destaca que:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.

Então, fica evidente o quanto o gênero se torna um forte aparelho ideológico em meio a sociedade, e mais ainda, assume um caráter de forte influenciador nos espaços de trabalho. Nessa citação supracitada de Bourdieu, percebe-se que o homem mesmo na sociedade atual, ainda exerce culturalmente um forte papel de virilidade, ou seja, que é forte, rígido com relação aos sentimentos e entre outros adjetivos, bem como as mulheres são classificadas

como frágeis, sentimentais, cuidadosas, e entre outras rotulações que as tornam mais aptas como professoras para atuarem na Educação Infantil do que um homem. Assim, essas definições, guiadas aparentemente pelo sexo biológico, tendo suas funções já aparentemente predeterminadas socialmente, faz com que as capacidades de ambos (gênero feminino ou masculino) sejam limitados em todos os campos, como já dito antes, principalmente na área de trabalho. E, conseqüentemente, é possível notar que tudo isso influencia na exclusão e concepção da busca pelo direito do homem em atuar igualmente nos espaços das salas de aulas com as crianças pequenas.

3.1 O professor na Educação Infantil: inserção e permanência

A presença do(as) educador(as) de modo geral, é essencial tanto para a construção quanto a manutenção profissional e pessoal dos educandos, pois os mesmos servem de estímulo para seus alunos. Quem nunca teve um professor ou professora que contribuiu e ainda continua contribuindo como inspiração para sua vida? Mesmo que não seja para a carreira docente, mais na ajuda de abrir novas perspectivas para outras profissões. Em especial, o(a)s professore(a)s da Educação Infantil tem uma grande responsabilidade diante das crianças que adentram aquela instituição educacional, principalmente porque as mesmas se deparam com as primeiras interações fora dos seus lares, o que acaba caracterizando-se como um ambiente novo, mais necessário por conter o forte compromisso de educar e cuidar para uma melhor preparação para a vida pessoal e profissional.

Nessa direção constata-se que essa fase de ensino, a Educação infantil, é composta majoritariamente por mulheres, onde como já foi visto nos capítulos anteriores, devido não apenas a seu potencial, claro, mas devido a construção social e cultural da sua condição materna em lidar melhor com essas situações do público infantil. O que claramente dificulta a inserção do homem como docente, isso também devido às imposições generalizadas em torno da rotulação de ser alguém não preparado para lidar com esse trabalho.

Logo, Pereira (2016, p. 80) vai falar que "[...] no início do século XX, causava estranhamento um homem no magistério, principalmente no primário, dado que a profissão já era considerada feminina [...]". Então, isso passa a ser espelhado até a contemporaneidade, onde em pleno século XXI, o homem sim, passou a ganhar mais destaque na docência. No entanto, no que se refere a presença nas salas de aulas da EI, no contato direto com as crianças pequenas a presença masculina do pedagogo acaba sendo pouco vinculada.

Isso porque quando se fala sobre os cuidados, a higiene, o banho, a educação e entre outros fatores que envolvem o contato com as crianças pequenas, cria-se todo um senso dedutivo, que faz com que seja estabelecido uma conclusão relacionada ao pedagogo, que é a impossibilidade de exercer essa função. São pensamentos que giram em torno do descuido, do não afeto sentimental, a rigidez, dos murmúrios de não saberem lidar com a ludicidade muito menos com as formas didáticas de desenvolver o conhecimento lúdico com as crianças, além de outros demais fatores que tomam conta dos pensamentos da grande parte da sociedade contemporânea.

Assim, para os pedagogos, os graduandos, ou os que pesquisam sobre, na tentativa de encontrar seu lugar profissional, conseqüentemente acabam se deparando com uma área que é cercada por ideologias preconceituosas para com os homens, e dentre outras situações que permeiam os Pedagogos, disseminando pensamentos equivocados e generalizados do contato do homem com as crianças pequenas, o que posteriormente acabam se tornando sem dúvidas algo desmotivador tanto para sua inserção quanto para sua permanência. Dessa forma, segundo Jaeger e Jacques (2017, p. 546)

A escassez e, muitas vezes, a ausência masculina, geram discussões diversas sobre os motivos que, raramente, impelem homens a escolherem o Curso de Pedagogia, assim como despontam suposições e debates que buscam entender como essa formação profissional foi se tornando um lugar Incômodo e pouco atraente aos homens.

Realmente, é inegável que os graduandos em pedagogia, em específico os homens, passam por momentos de dúvidas de suas capacidades, além de enfrentarem situações de questionamentos que vão desde a sua presença naquela profissão até indagações de incertezas sobre suas capacidades. Todas essas situações têm potencialidades de propiciar o aumento da evasão e da menor visibilidade do curso para o público masculino, e isso é algo presente e enfrentado não só pelos que ainda pensam em cursar, mas também, os que cursam ou que já atuam como professores de licenciatura em pedagogia.

Tudo isto envolve todo um contexto social, onde essas limitações de confiança surgem e enraízam-se mediante os questionamentos e preconceitos que conseqüentemente generalizam o gênero masculino como invasores, incompetentes, não lúdicos e entre outras rotulações. Há outra visão que relaciona a figura masculina a conteúdos mais abstratos que são relacionados ao Ensino Fundamental I, em especial as turmas de 4º e 5º ano. O que passa a ser notado nessa citação, é justamente o mais sincero retrato das situações em que o docente homem passa ao ingressar nesse espaço educacional responsável com as crianças. Assim, Ramos (2017, p. 123-124) traz que:

[...] percebe-se que o *estágio comprobatório* - tempo gasto para que esses professores possam dar provas de suas capacidades - não ocorre de maneira isolada, com um ou outro professor, mas com todos os doze professores que participaram da pesquisa. Esse período se configura como um tempo necessário para conhecer a forma com que esses docentes homens conduzirão suas atividades. Ao mesmo tempo é uma forma de verificar a interação desses sujeitos, especialmente com as crianças. Também ficou evidenciado nos grupos o olhar vigilante sobre as ações desses sujeitos com destaque para as atividades que envolvem os cuidados corporais das meninas. A não aprovação desse professor ou o não estabelecimento da relação de confiança resulta em rechaçamento e negação da presença desses sujeitos no espaço institucional [...].

É muito interessante mencionar o estágio comprobatório ao qual a citação faz menção, pois essa é uma questão que acaba se tornando algo intrínseco a essa fase de ensino, onde o ingresso do professor acaba se tornando invasivo para todo o corpo escolar, os pais e sem dúvidas para as crianças, pois essa normalização de um homem como docente é algo incomum, o que faz com que todos esses olhares avaliem atenciosamente e de forma minuciosa a sua presença, literalmente visto como uma apoderação indevida de cargo.

Ademais, esse período de adaptação em saber lidar com os olhares de pré-julgamentos e todas as situações envolvidas de forma informal e formal nesses espaços institucionais, acabam se tornando algo crucial no momento de determinar a sua permanência nesse contexto que tem suas raízes profundas no sentido maternal das mulheres.

O docente sente toda essa pressão psicológica em seu entorno, o que acaba se tornando um forte potencializador no surgimento de questionamento a si mesmo, como da sua atual profissão, o que tem como consequência causar abalos na sua identificação docente com a área, ocasionando até a sua evasão. Dessa forma, Ramos (2017, p. 25) ainda vem expondo que:

[...] a educação infantil no Brasil encontra-se, historicamente, associada à figura feminina e à maternagem. O ingresso dos professores homens - especialmente quando ainda não são conhecidos pela comunidade escolar [...] coloca em evidência um olhar de estranhamento por parte da comunidade escolar.

Olhando todas essas colocações, fica evidente o quanto é complexo um docente homem, tanto entrar, quanto conseguir se firmar nessa primeira etapa da educação básica, onde o caminho é complexo. No entanto, é necessário romper com essas situações que constroem um profissional que passou anos de sua vida se dedicando a essa carreira da pedagogia, e para isso é preciso que os docentes não se sintam intimidados em se aventurarem na Educação Infantil, mesmo com tantas críticas e provações. É muito importante romper com essa visão que deve ser majoritária a presença feminina e redefinir essa divisão do trabalho de forma justa e estimulando a relevância de se ter a presença masculina nos cuidados com as crianças. E que também seja reforçado esse lado paterno tão necessário na construção de uma

vida mais significativa dessas crianças, já que a EI é uma extensão do laço familiar. Ramos (2017, p. 26) ainda vai falar que:

Outra representação frequentemente associada à presença desses docentes na educação infantil aproxima-se do campo da Psicologia e trata de maneira positivada a interação dos professores do sexo masculino com as crianças pequenas. Nesse caso, prevalece o caráter compensatório quando a criança cria um vínculo mais estreito com uma figura masculina, especialmente se essa criança é privada no ambiente familiar da figura paterna e convive apenas com pessoas do sexo feminino. Dessa maneira, a presença masculina é vista como necessária e positiva ao desenvolvimento emocional da criança.

Partindo desse ponto de vista, é possível notar que a permanência desse professor nas salas de aulas da EI, assim como o contato do mesmo com as crianças é algo necessário para que a mesma passe a construir suas bases de formação de conhecimentos, bem como através desse convívio com professoras e professores, possam ir construindo suas próprias percepções de mundo.

Mais a ideia que se quer passar aqui, é justamente a percepção de que esse docente, não necessariamente precisa lidar diretamente com essas questões íntimas das crianças, até porque para isso há o suporte do monitor escolar, mais o que se reivindica nessas questões é a presença do homem como educador dessa fase, para que o mesmo possa não apenas estar presente, mas que também consiga demonstrar suas responsabilidades e capacidades nos desenvolvimentos das crianças. Quando esses aspectos forem compreendidos e realmente utilizados na prática, poderá se ter uma melhor valorização desses profissionais homens.

Fica claro e evidente a discrepância de igualdade do homem em meio as mulheres nessa área, o que de fato não é surpresa, devido a toda essas construções culturais advindas da sociedade que acabou normalizando esse estigma², marcando o pedagogo homem com uma rotulação que acabou desestruturando as suas capacidades de atuar nessa primeira etapa da educação básica.

Nota-se também, que na sociedade atual, há uma forte influência de como as pessoas devem agir para que não sejam excluídas daquela vivência e convivência, e que para isso, é necessário agir de maneira a provar as capacidades para que haja o merecimento de estar apto a determinados ambientes de trabalho.

² [Do gr. stigma, pelo lat. stigma.] S. m. 1. Cica- pa do carburado triz, marca, sinal: os estigmas da varíola, 2. Sinal abrindo e vedando infamante; ferrete. 3. Sinal natural no corpo. 4. Às constante; agulha marcas das cinco chagas de Cristo: os estigmas de S. sa, diminuta, com Francisco. 5. Fig. Aquilo que marca, que assinala: os estigmas da arte. 6. Fig. Marca infamante, vergonhosa; labéu. 7. Bot. Porção terminal do gineceu, destinada a recolher o pólen, e sobre a qual ele germina. Pode ser punctiforme, capitado ou ramoso. 8. Zool. Órgão da respiração dos insetos.

Mas, se olharmos por essa visão, de fato é necessário que haja questionamentos que levem as pessoas a refletirem sobre a realidade do que ocorre em seu meio. No entanto, será que é justo, professores homens, depois de passarem anos em formação junto com as mulheres, sendo questionados inclusive pela própria sociedade, provando durante todo o curso suas capacidades, dedicarem seus esforços para serem profissionais capacitados e aptos para atuarem como Licenciandos em Pedagogia, e mesmo assim, é mesmo necessário que a sociedade em meio a contemporaneidade, ainda generalize uns pelos atos dos outros, excluindo assim, grande parte dos pedagogos homem desses ambientes da Educação Infantil? Será que se caracteriza como um ato justo e democrático?

Então, são questionamentos que devem ser ponderados para que se possa refletir melhor sobre essa presença, assim como a permanência desses profissionais docentes homens na Educação Infantil. Seguindo essa linha de realidade, é indispensável deixar de destacar que assim como nas falas de Jaeger e Jacques (2017, p. 547) "[...] apesar dos encaminhamentos sociais e culturais normalizadores a respeito das profissões, homens e mulheres desafiam essas noções, rompem barreiras e ousam se profissionalizar em nichos que, para elas e eles, não foram direcionados". É necessário que o docente não recue, mais que busque seu espaço, isso é muito relevante para que haja essa quebra de paradigmas, e uma maior abertura para que o professor homem possa adentrar, mostrar suas capacidades e se fixar nessa área tão importante da primeira etapa da Educação Básica.

3.2 A Identidade docente do professor: afirmação e aceitação

Para que se estabeleça uma melhor compreensão sobre esse tópico, é interessante buscar no dicionário Aurélio o conceito de identidade ao qual encontra-se definido como: "[...] 1. Qualidade de idêntico. 2. Os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc." O que deve ser deixado bem claro, é o fato de que não nascemos com uma identidade já construída ou definida antecipadamente, o que podemos observar é que vivemos em uma sociedade onde os indivíduos nascem em um meio social completamente moderno, onde se tem uma grande variedade cultural na qual o ser humano nasce inserido nesse contexto de diversidades, e ativamente vai moldando sua identidade com o que lhe é ofertado em sua volta. O autor Silva (2014, p. 76) fala que:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são "elementos" da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que

ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

Seguindo essa linha de pensamento, fica claro que a identidade se estabelece como um livro aberto, pronto para ser construído pelas conexões sociais e culturais, onde os indivíduos passam por momentos relevantes para si e para o meio a sua volta. Pensarmos na construção da identidade é falarmos em um quesito muito relevante e indissociável no ser humano que busca se descobrir e relacionar-se com tudo e todos a sua volta, é um ingresso para entrar nas diversas bolhas sociais presentes no mundo, como a exemplo, os ambientes de trabalho. Ao levarmos esse quesito para a área da educação, veremos que existem nichos de ensino, que guiam todo o ensino no Brasil, desde a educação infantil até a educação superior.

Mas se delimitarmos ainda mais essa perspectiva do trabalho, veremos especificamente nas primeiras etapas da educação básica, que as mulheres representam uma grande maioria, se não falarmos que é quase dominante nessa fase. Logo, surge o interessante a nossa compreensão, pois de acordo com a autora Pereira (2016, p.71): "Ao falarmos em sujeitos, precisamos estar atentos à multiplicidade que é anterior à identidade. Mas também aos lugares que ocupam ou não a partir dessas "identidades". Essa citação é bastante interessante, pois percebe-se que de certa forma a identidade de um sujeito passa a se alicerçar quando há a existência de uma múltipla presença de um grupo ao qual o indivíduo se sinta mais enturmado, ou melhor, acolhido, e isso percebemos na Educação infantil, quando as mulheres vão passando a ter sua presença mais normalizada que os homens. Segundo Pereira (2016, p. 72):

Os homens, desde o século XIX, vão abandonando as salas de aula nos cursos primários e as escolas normais vão formando cada vez mais mulheres, devido à expansão do ensino público, com ênfase na escolaridade média e superior, como condição para ascensão social, visto a expansão da urbanização e da industrialização e a oferta de vagas no mercado de trabalho para os homens.

Nesse sentido, percebe-se que devido a industrialização e à novas possibilidades de ascensão em novos ambientes de trabalho, e os homens passam a migrar para outras áreas onde também os seus status de rígido e insensível assim como entre outras determinadas terminologias foram distanciando cada vez mais a identidade do professor, conseqüentemente tornando esse abandono, o suficiente para que o docente fosse visto até nos dias atuais como um verdadeiro estrangeiro na Educação Infantil.

Logo, evidentemente fica claro que o professor foi perdendo aos poucos a sua identidade nesse campo do educar e cuidar dessas crianças pequenas, se deslocando para

outros diversos setores. E subsequentemente as mulheres foram ganhando mais espaço, lá do século XIX, e até a contemporaneidade, se estabilizando com mais frequência e de maneira mais comum, onde as mulheres passam a se identificarem cada vez mais, por conseguinte fazendo com que os professores se vejam como estrangeiros na Educação infantil, assim como a autora Pereira intitulou seu livro. Pereira (2016, p. 64) sabiamente também coloca que:

[...]sobre a produção da identidade, parece acertado dizer que o homem na Educação Infantil, ao assumir a identidade do "cuidador de crianças", desestabiliza a ordem natural - "cada coisa no seu lugar"-, pois cuidar de criança pequena é "naturalmente" função da mulher. Argumento este baseado em uma ordem natural, biológica, que justifica que é ela (mulher) quem possui todos os atributos para cuidar de seu rebento e por extensão dos outros [...] Quem pariu Matheus que o embale..., ter outra mulher para embalá-lo, mantém aquilo que se acredita um continuum desta ordem. Mas, se ao invés de outra mulher é um homem? Por que um homem não haveria de poder embalá-lo? Eles não sabem fazê-lo? São questões que se colocam e nos remetem a pensar se, de fato, o aspecto biológico justifica que "embalar uma criança" é um dado que pertence só e exclusivamente às mulheres.

Tendo em vista esse cenário, fica notório que apesar do professor vir formulando sua identidade não só profissional, mais também pessoal, ou seja, apesar de todo um preparo para poder atuar na educação infantil, e isso vale inclusive até mesmo para os demais formados de outros lugares da educação, onde mesmo depois de passarem por todo esse processo acabam no universo da EI tendo que passar por situações que acabam contrariando o seu processo de identidade.

Muitas das vezes, ocorre um desmonte da sua identificação com a área, e isso é sim preocupante, pois, acaba-se entrando em um ciclo, onde os educadores vão se deparar com um universo praticamente dominado por mulheres, isso é fato, no entanto, por conta dessa visível quantidade de professoras e limitada presença de professores, é que essa identidade docente automaticamente vai ser direcionada para outros campos, fazendo com o que o homem muitas das vezes não suporte a pressão psicológica dos olhares e questionamento sobre a profissão em questão, ao qual sabemos que existem, isso comprovado por experiência própria. a presença masculina não é tida como algo habitual.

A propósito, a autora Pereira cita na sua fala um dito que é bastante comum ouvi-lo no dia a dia: "Quem pariu Matheus que o embale...", e como é perceptível, encontramos poucas ou quase nenhuma frase como essa, que traga em seu sentido um pensamento que faça menção a referência aos homens nesse tocante aos cuidados das crianças, onde por conseguinte, reforçam cada vez mais as dificuldades dessa afirmação do pedagogo homem na procura do exercício da sua profissão docente nesse cuidar e educar dessas crianças da primeira etapa da educação básica.

Ademais, a parte materna costuma ter mais credibilidade na EI, afinal, o lado materno se torna um forte propulsor de aceitação nesse meio, mas isso não quer dizer que não seja necessário o lado paterno, muito pelo contrário, a presença masculina nessa fase de ensino da educação infantil é relevante para que as crianças tenham a oportunidade de tecer mais relações com outras pessoas que não sejam apenas mulheres, pois isso vai ser de fundamental relevância para construção e extensão dessa diversidade das relações do convívio materno e paterno não apenas no ambiente domiciliar, mas transpondo essas vinculações para além do ambiente informal, levando a figura do homem também como uma característica essencial e indispensável nas práticas pedagógicas, ou seja, nas salas de aulas, principalmente da Educação Infantil.

Isso porque, esse convívio com mais diversidades de identidade, como a do professor homem, com certeza servirá de espelho para que mais crianças vejam isso como algo normal e não como uma situação estranha, porque é isso o que acontece na prática, o pedagogo é visto como um forasteiro, pela sua sala, pelos seus colegas, pela família das crianças e pela sociedade. Ter o docente homem nessa esfera do educar e cuidar, é estar abrindo portas para uma melhor inclusão profissional e humana, proporcionando que essa situação seja normalizada e que dentre as crianças, consigam-se estabelecer uma relação de identidade vindo a ganharem mais espaço como futuros profissionais pedagogos, e assim construir gradativamente uma melhor aceitação desses educadores.

É nesse meio, entre as disparidades de gênero nessas áreas de atuação com as crianças pequenas que é possível irmos construindo gradativamente por meio da nossa identidade as dos demais. Silva (2014, p. 40) salienta que “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. [...] A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.” De fato, as representações dessas diferenças é que passam a dar mais significado ao indivíduo, tal como o docente homem, onde através dos mais diversos questionamentos possíveis, ainda permanecem buscando sua identificação nesse espaço na educação infantil, seja ele pedagogo, ou advindo de outra área.

4 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, se faz necessário seguir uma sistematização metodológica de pesquisa, que é extremamente necessária para a obtenção dos resultados. Conforme Minayo (2002, p. 16-17) "entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Segundo a autora, "entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade". Logo, seguindo essa perspectiva metodológica de pesquisa, vale ressaltar que a mesma assumirá uma abordagem qualitativa em educação, pois, segundo Oliveira (2007, p.60) "A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômeno da realidade".

Dessa forma, para que seja possível abarcar ao máximo as informações a respeito dessa área da temática, é preciso ir além de pesquisas vinculadas aos trabalhos já publicados, assim, passando a assumir-se também como uma **pesquisa de campo**. Sobre este tipo de pesquisa, Neto (2002, p. 51) afirma que:

Após termos definido, através de um projeto de pesquisa, nosso objeto de estudo, surge a necessidade de selecionarmos formas de investigar esse objeto. Em Ciências Sociais, tendo como referência a pesquisa qualitativa, o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.

Então, seguindo essa premissa, percebe-se a relevância de seguir essa linha de pesquisa, surgindo grande necessidade de ir a campo na busca de maior acesso a informações sobre os aspectos, no que tange a trajetória desses professores do gênero masculino, ao qual se encontram em atuação nas salas de aulas dessa etapa de educação infantil.

Assim, partindo das pesquisas teóricas, ao ir a campo, também será feito um encontro com esses docentes, sendo realizado um **questionário** para colher informações prévias desses profissionais atuantes da educação. Como fala Oliveira (2007, p.83) "Em geral, os questionários têm como principal objetivo descrever as características de uma pessoa ou de determinados grupos sociais". Esse momento será bastante importante, pois enriquecerá ainda mais o conhecimento do presente trabalho, possibilitando conhecer mais esses professores que adentram nesse ambiente rotulados como feminino.

Para engrandecer ainda mais essas experiências, será necessário também uma **entrevista**. Dessa forma Oliveira (2007, p. 86) relata que:

A entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador(a) e entrevistado(a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando. No entanto, é preciso que o entrevistador não interfira nas respostas do entrevistado(a), limitando-se a ouvir e gravar a fala dele(a).

Dessa maneira, percebe-se que esse contato por meio da entrevista, proporciona ao pesquisador, a oportunidade de ver a realidade do outro em uma perspectiva mais próxima. Diante dos fatos mencionados, percebe-se a importância de conhecer melhor o universo ao qual pretende-se adentrar, pois isso preserva tanto a credibilidade do pesquisador e dos conteúdos expostos, quanto ressalta ainda mais a confiança do leitor diante desse trabalho.

Vale ressaltar, que essas metodologias serão de fundamental importância para que seja possível conhecer esses profissionais por meio do método de **história de vida**. Segundo Glat R. et al. (2004, p. 237) "[...] o método de *História de Vida*, consiste em uma entrevista aberta, isto é, sem um roteiro pré-determinado, na qual se pede ao sujeito para falar livremente sobre sua vida, um determinado período ou aspecto dela". Mediante a perspectiva deste estudo, procurou-se abordar um contexto que trouxesse à tona as particularidades de cada sujeito, com o intuito de compreender suas realidades educacionais e seus espaços, ao qual abordasse as relações de vida dos sujeitos, a identidade desses atores sociais assim como almejado.

Ainda mais, Silva, et al. (2007, p. 29) coloca que "A História de Vida é um método que tem como principal característica, justamente, a preocupação com o vínculo entre pesquisador e sujeito." Assim, mesmo que não haja um convívio de amizade estabelecido a mais tempo, a situação de se colocar em determinadas situações semelhantes a dos entrevistados, como a paridade de ser homens que estão na pedagogia, ajudam nessa aproximação por meio das vivências, facilitando a intermediação do diálogo estabelecendo o caminho para a obtenção dos resultados.

4.1 Campo de pesquisa

O locus escolhido para o desenvolvimento deste estudo foi o município de Dona Inês/PB, uma cidade que, segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, possuía até o ano de 2021 uma população estimada de 10.375 habitantes; A taxa de escolarização de pessoas de 6 aos 14 anos de idade, segundo o último censo realizado em 2010, era de 98,1%. É possível constatar que em termos de Índice de Gestão Municipal em 2022, Dona Inês conseguiu atingir o 12º lugar em um ranking de 20 melhores cidades do estado da Paraíba em termos de excelência na educação, passando a ganhar uma nota de 70,68

dentre as demais. Esses resultados foram avaliados pelo Instituto Aquila, e esses dados podem ser encontrados no site Polêmica Paraíba.

De forma geral, a rede de ensino conta com 17 escolas distribuídas entre as áreas rurais e urbanas, atualmente totalizando 1.821 estudantes matriculados. Assim, Seguindo o panorama deste presente trabalho, buscou-se conhecer melhor o município com relação a Educação Infantil, onde foi constatado que a mesma conta com 10 unidades escolares, sendo 8 localizadas na zona rural e 2 na zona urbana, contando com apenas 1 creche, onde em 2023 passará a contar com turma de berçário, passando a totalizar, atualmente, 429 crianças. Ademais, o efetivo de docentes para essa primeira etapa da educação básica de Dona Inês/PB, contará com 24 professoras e apenas 1 professor; esse trabalho utilizará esse campo para conhecer melhor esse contexto.

Segundo Glat R. et al. (2004, p. 237) "[...] o método de *História de Vida*, consiste em uma entrevista aberta, isto é, sem um roteiro pré-determinado, na qual se pede ao sujeito para falar livremente sobre sua vida, um determinado período ou aspecto dela". Mediante a perspectiva deste estudo, procurou-se abordar um contexto que trouxesse à tona as particularidades de cada sujeito, com o intuito de compreender suas realidades educacionais e seus espaços, ao qual abordasse as relações de vida dos sujeitos, a identidade desses atores sociais assim como almejado.

Ainda mais, Silva, et al. (2007, p. 29) coloca que "A História de Vida é um método que tem como principal característica, justamente, a preocupação com o vínculo entre pesquisador e sujeito." Assim, mesmo que não haja um convívio de amizade estabelecido a mais tempo, a situação de se colocar em determinadas situações semelhantes a dos entrevistados, como a paridade de ser homens que estão na pedagogia, ajudam nessa aproximação por meio das vivências, facilitando a intermediação do diálogo estabelecendo o caminho para a obtenção dos resultados.

4.2 Sujeitos da pesquisa

Para a realização deste trabalho, contou-se com a participação de 03 (três) professores da Educação Infantil, sendo que 01(um) continua atuando na Educação Infantil, enquanto os outros 02(dois) não estão mais atuando nesse nível de ensino. Porém, todos os docentes exercem suas funções na mesma rede pública de ensino, no município de Dona Inês/PB. A participação voluntária dos mesmos foi de grande relevância para a realização dessa pesquisa, já que este estudo teve como referência metodológica a *história de vida*, contada pelos próprios sujeitos.

Para manter o sigilo das identidades desses docentes, os mesmos foram identificados através de nomes de três grandes educadores brasileiros, onde as escolhas baseiam-se de acordo com a percepção de certas semelhanças de vida entre teóricos e entrevistados. Dessa maneira, o primeiro professor entrevistado ficou identificado como: *Paulo Freire*.

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 1996, p. 23).

Essa citação é bastante interessante, pois remete ao professor entrevistado, que enfrentou diversos obstáculos ao longo de sua trajetória de vida, dificuldades essas, financeiras, distância da casa para o local de estudo já que residia na zona rural, e entre outras dificuldades que não o pararam na concretização de seus objetivos de mudança de vida.

O segundo professor entrevistado passou a ser assinalado como: *Florestan Fernandes*. Assim, Saviani (1996, p. 72) comenta sobre Florestan Fernandes que:

Por certo, como ele próprio frisou em diferentes oportunidades, Florestan não era um pedagogo e nem mesmo um cientista da educação no sentido especializado que essas expressões adquiriram no século atual. Contudo, o senso de radicalidade já referido levou-o, a partir da experiência de sua própria formação e do processo formativo que passou a liderar como professor, a atuar como um verdadeiro educador, isto é, aquele que pratica a educação com a consciência clara de que a está praticando, o que o leva a formular conceitos de máxima significação para o conhecimento da essência própria dos fenômenos educativos.

Essa semelhança do teórico com o professor entrevistado, ocorre mediante a aquisição da sua “própria formação”, essa, adquirida pelo docente ao longo desse processo construtivo através de suas próprias vivências, assim como através do “processo formativo”, onde os estudos também lhe ofertaram conhecimentos de extrema relevância, em que, através de todos esses processos fosse possível essa radicalidade em sua trajetória de vida.

O terceiro e último professor entrevistado ficou mencionado como *Anísio Teixeira*. Anísio apud Fialho e Oliveira (2022, p. 14):

O ideal, a inspiração da democracia pressupõe um postulado fundamental ou básico que liga indissolivelmente educação e democracia. Esse postulado é o de que todos os homens são suficientemente educáveis, para conduzir a vida em sociedade, de forma a cada um e todos dela partilharem como iguais, a despeito das diferenças das respectivas histórias pessoais e das diferenças propriamente individuais.

Há semelhanças entre essa fala do teórico e o professor entrevistado, justamente quando em um trecho em especial, ele expõe sua vida social, destacando um fator interessante, onde diante de todas as dificuldades, o mesmo sempre quando ia jogar futebol,

via professores reunidos em uma certa parte desse trajeto, mais que no entanto, mediante a sua perspectiva atual, mal imaginava que um ano depois ele estaria reunido com esses professores, como colegas de profissão.

Portanto, isso deixa claro que os seres humanos são realmente sujeitos capazes de estarem em ambientes iguais, isso, mediante o conhecimento, ao qual garante sua permanência nos diversos lugares da sociedade.

4.3 Breve perfil (profissional e formativo) dos sujeitos da pesquisa

Professor *Paulo Freire*: 37 anos, está atualmente em atuação na Educação Infantil e está nessa fase há 14 anos, o mesmo tempo que tem de carreira. Possui graduação em Pedagogia e em Letras/Português, tem especialização em Supervisão e Orientação Educacional.

Professor *Florestan Fernandes*: 50 anos, atuou na Educação Infantil durante 1 ano, mas atualmente encontra-se lecionando no ensino fundamental I. É graduado em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia, possuindo 30 anos de atuação na rede pública de educação.

Professor *Anísio Teixeira*: 45 anos, já atuou 7 anos na Educação Infantil, mas atualmente leciona em duas turmas de 3º ano do Ensino Fundamental I. É graduado em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia e possui 25 anos de atuação, também na rede pública de educação.

4.4 Etapas da pesquisa

As coletas dos dados necessários para a efetivação desta pesquisa, aconteceram entre os dias 26 de março a 7 de abril do ano de 2023. O primeiro contato com os professores entrevistados foi através do *whatsApp*, onde lhes foi explicado sobre a proposta em questão, bem como, a importância de suas contribuições para a presente pesquisa. No intuito de saber também a disponibilidade dos mesmos, procurando traçar um laço de amizade e confiança. Partindo desse ponto, todos os encontros ocorreram de maneira presencial no ambiente de suas respectivas residências. Mediante a escolha dos mesmos, foi realizada uma entrevista de forma individual através de um diálogo aberto a partir de três pontos fundamentais: pessoal, formativo e profissional. Para a obtenção dos resultados, assim como o traçado no objetivo geral e objetivos específicos, para a coleta de informações durante a entrevista, foi utilizado o

recurso de gravação do próprio aparelho celular, e feito em um outro momento as transcrições.

5 BASES PESSOAIS, FORMATIVAS E PROFISSIONAIS: ANÁLISE DE DADOS

As análises são fatores que exigem muita atenção por parte dos pesquisadores, que buscam compreender e descobrir determinados estudos. É um percurso que acaba passando por alguns processos fundamentais, tais como a categorização como uma forma primordial para entender o assunto em questão. Ainda sobre a presente pesquisa, a análise dos dados ocorrerá a partir da análise de conteúdo, pois segundo Franco (2008, p. 59 a 62):

Definidas as unidades de análise chega o momento da definição das categorias. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos [...] Formular categorias, em análise de conteúdo, é, via de regra, um processo longo, difícil e desafiante [...] As categorias vão sendo criadas à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas. Em outras palavras, o conteúdo, que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria. Infere-se, pois, das diferentes "falas", diferentes concepções de mundo, de sociedade, de escola, de indivíduo, etc.

Dessa forma, entende-se que o processo de pesquisa é elementar na busca de novos conhecimentos, tornando essa trajetória cheia de descobertas, onde as informações podem ser utilizadas pela sociedade, agregando ainda mais no entendimento dos fatos do campo de estudo investigado, onde a análise dos conteúdos toma um papel de relevância por trazer as diferentes experiências dos sujeitos como elementos para investigação.

A seguir o quadro produzido a partir das falas dos sujeitos: *Paulo Freire, Florestan Fernandes e Anísio Teixeira*, traz como elementos para análise as trajetórias Pessoais, formativas e profissionais dos mesmos. Para análise desse conteúdo, foi dividido o quadro em categorias, foram se delineando mediante os diálogos realizados, ficando o quadro organizado em: “Dimensões”, “Categorias” e “Unidades de Sentido”.

QUADRO 1 - Quadro de categorias para análise dos dados

DIMENSÕES	CATEGORIAS	UNIDADE DE SENTIDO
PESSOAL	RELAÇÕES (FAMILIARES E INTERPESSOAIS)	1º INCENTIVO PARA OS ESTUDOS
		2º POSSIBILIDADES DE MUDANÇA
FORMATIVA	VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO	1º ACESSO AO CURSO
		2º PREDOMINÂNCIA DAS MULHERES
		3º DIFICULDADES PARA A CONCLUSÃO
PROFISSIONAL	DESAFIOS DA PEDAGOGIA	1º ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
		2º CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Fonte: O autor (2023).

Mediante o quadro de categorias, passaremos agora a realizar a análise dos resultados obtidos. Para isso, passamos a discorrer sobre cada Dimensão, Categoria e Unidade de Sentido.

1º DIMENSÃO DE ANÁLISE: PESSOAL

Ao falarmos no aspecto pessoal, é necessário entendermos as particularidades das vivências as quais cada indivíduo traz consigo, características essas, definitivamente únicas. Partindo dessa, as entrevistas realizadas com cada professor se tornaram de grande relevância para entender o contexto da construção pessoal de cada um dos sujeitos.

Dessa forma, a presente dimensão encontra-se dividida em categorias e unidades, são elas: abordando na primeira categoria de análise: “Relações (Familiares-Interpessoais)”, já na primeira Unidade de Sentido: “O Incentivo para os Estudos” e na segunda Unidade de Sentido: “Possibilidades de Mudança”.

1º Categoria de análise: Relações (Familiares – Interpessoais)

As relações, tanto familiares quanto interpessoais, são de fundamental importância para a construção e desenvolvimento do ser humano desde o início da sua vida. Ressalto ainda que essa categoria de análise emerge como algo delicado, já que lida com as convivências,

experiências, familiaridades e outros aspectos que influenciam de perto a base do indivíduo. Seguindo os pensamentos de Vygotsky apud Rabello e Passos (2010, p. 5) refletem que:

[...] para Vygotsky, não é suficiente ter todo o aparato biológico da espécie para realizar uma tarefa se o indivíduo não participa de ambientes e práticas específicas que propiciem esta aprendizagem. Não podemos pensar que a criança vai se desenvolver com o tempo, pois esta não tem, por si só, instrumentos para percorrer sozinha o caminho do desenvolvimento, que dependerá das suas aprendizagens mediante as experiências a que foi exposta.

Diante dessa citação, é interessante mostrar, o quanto o convívio e incentivo do próprio núcleo familiar, conseguem fornecer uma base condicionante e forte diante de tantas dificuldades pessoais, sociais, financeiras e entre outras para que os indivíduos não se tornem propícios a entrarem nas estatísticas de evasão das escolas.

Os incentivos dos pais mostram-se como uma base conciliadora desses contextos, como uma perspectiva de possibilidades de ascensão dos seus filhos, possibilitando aos mesmos a permanência nos estudos, mostrando que o ambiente da família é de grande relevância. Do mesmo modo, também as relações interpessoais, possibilitam aos sujeitos aprenderem com outros determinados meios sociais na perspectiva de encontrar seus lugares mediante a escolhas e incertezas, o que torna a experiência com as demais relações sociais, algo construtivo para os seus desenvolvimentos.

1º Unidade de Sentido: Incentivo para os Estudos

Um dos eixos principais para o incentivo aos estudos do aluno, vem do núcleo familiar, características essas, responsáveis pela permanência dos mesmos dentro das instituições escolares. Além disso, a LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional traz em seu Art. 2º (BRASIL.MEC, 1996) que: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Essas colocações mostram que um sistema necessita do outro para atender a real finalidade de tornar a educação acessível para todos.

Seguindo esses fatores bem como no nosso meio social, acaba sendo visto que de fato a família sempre assumiu um papel de base principal para que o restante do sistema possa funcionar de acordo com o posto nos planejamentos.

Os professores, *Paulo Freire, Florestan Fernandes e Anísio Teixeira*, também colocam o apoio da família como principal base de incentivo aos estudos, onde também em seguida dão suas respostas da unidade de sentido em questão.

Minha família sempre me incentivou desde criança. A gente trabalhava na agricultura, trabalhava um horário na agricultura pela manhã e eles mandavam a gente para a escola à tarde, um período trabalhando e um período na escola. A gente levava até o texto para estudar para a prova dentro do roçado na hora do lanche, pegava, lia as questões e estudava, porque era trabalho e escola. Eles priorizavam, davam força, sempre me incentivando. (PROFESSOR PAULO FREIRE, APÊNDICE A, p. 74).

[...] eu nasci de família pobre, como a linguagem popular daqui da nossa região, meus pais sempre trabalharam na agricultura, e logo em seguida da construção da minha família, meu pai foi embora deixou minha mãe grávida de mim principalmente, ela ficou com dois meses de grávida, e ela ficou lutando, pela a sustentação da família, dos 7 filhos que ela lutou sozinha [...] Sempre apoiou, foi muito difícil. Então assim, foi difícil na minha formação, na minha criação, porque, você imagina aí naquele tempo a gente ser criado sem pai. (PROFESSOR FLORESTAN FERNANDES, APÊNDICE A, p. 65).

[...] teve quando eu trabalhei na roça também. A gente trabalhava na agricultura, de manhã a gente ia para o roçado e à tarde estudava, e às vezes vice-versa. [...] e assim, minha mãe e meu pai também sempre deram o apoio para a gente estudar. Então, com esse incentivo de casa deu certo. (PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA, APÊNDICE, p. 58-60).

Diante das próprias falas dos professores, fica notório que o apoio do núcleo familiar foi de grande relevância para que eles se motivassem a buscar uma outra perspectiva de realidade. Entende-se que a esperança torna-se mais viva quando tem-se o apoio de quem está à volta, o que torna os incentivos significativos quando tratamos dentre outros, dos estudos, principalmente visando o cenário de dificuldades da época.

2º Unidade de Sentido: Possibilidades de Mudança

Quando fala-se em possibilidades de mudanças nessa unidade de sentido, o que se quer trazer é a relação de transformação que envolve o ser humano, tanto para o sentido bom, quanto para o ruim, cabendo a situação mediante muitas das vezes, não apenas a escolha de cada um, mas a condicionantes que acabam estabelecendo caminhos não imaginados.

Além disso, é fato que os indivíduos quando geralmente traçam essas possibilidades de mudança, é visando seus contextos atuais, na perspectiva geralmente de uma melhoria das condições de vida, ao qual envolve consequentemente a questão financeira na busca de aspectos materiais para melhorar as suas condições sociais.

Os autores Cardoso, Júnior e Nunes (2022, p. 182) fazem uma análise sobre os pensamentos de Marx falando que:

O Materialismo que enuncia o método de análise de Marx é a indicação para um olhar da realidade que se pretende estudar e que não prescinde de ideação anterior ou de pensamento prévio sobre essa realidade. Nessa concepção, o ser social existe, é de carne e osso, precisa sobreviver no mundo antes de qualquer outra coisa, precisa da materialidade de todas as coisas e precisa buscá-la de alguma forma, precisa produzi-la ou de adquiri-la. Pela visão materialista de Marx, essa forma sempre se dará por meio de uma ação humana, do trabalho humano. Assim, o homem é visto como um ser dependente da natureza e passa a querer dominá-la para atender às suas demandas.

É interessante fazer essa observação do mundo e conseqüentemente da sociedade por essas questões mostrarem o quanto é necessário que os sujeitos estejam sempre em movimento, em busca dos seus objetivos. Seguindo essa mesma percepção os professores entrevistados também trazem em suas falas que:

Minha infância foi muito difícil, eu sou filho de pais agricultores, e a nossa vida era no campo, na roça trabalhando, não tinha muitas condições, essas coisas. Não comia o que queria, só o necessário mesmo, só conseguia o necessário [...] Foi construtiva, para minha evolução, para eu ser a pessoa que sou hoje, serviu para isso, para me motivar cada vez mais a correr atrás dos sonhos, dos meus objetivos. (PROFESSOR PAULO FREIRE, APÊNDICE A, p. 74-75).

Então, foi um tempo muito difícil, a minha formação desde criança para chegar a adolescência, para chegar a jovem foi muito difícil, muito [...] "Olhe, eu...assim... porque todo processo tem um início, meio e fim né? Então, para mim, foi um processo. Eu não vejo como um tempo ruim, porque tudo aquilo serviu para mim de aprendizagem, a separação dos meus pais, o trabalho árduo que minha mãe teve para criar a gente, pra cuidar da gente. Então eu não vejo como algo negativo, mas foi o tempo que a gente viveu [...] Então serviu pra mim de superação, e de exemplo né. (PROFESSOR FLORESTAN FERNANDES, APÊNDICE A, p. 66- 67).

Quando eu comecei a lecionar eu tinha... estava acabando o Ensino Médio e até então, na época da política tinha gente que trabalhava no mape, e minha mãe foi falar com Vilma para ela arrumar um emprego para mim e ela me colocou para ser professor, só que eu não tinha terminado os estudos ainda, e eu comecei a lecionar faltava um ano para terminar os estudos, o terceiro grau como se diz, o terceiro grau é o terceiro ano hoje. (PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA. APÊNDICE A, p. 59).

Mediante esse diálogo, percebe-se que o professor *Anísio Teixeira*, conseguiu através da busca por uma melhora de vida, a oportunidade de ser colocado na docência através de um pedido ao qual lhe foi atendido, lhe gerando, conseqüentemente, uma guinada de vida mediante as proporções da época. Logo, embora os professores *Paulo Freire e Florestan Fernandes* não falam especificamente a mesma história do seu colega, passam por processos semelhantes de busca de possibilidades de mudanças. No entanto, todos os 3(três) professores mediante as análises de suas falas, desde a infância, fazem essa busca de oportunidades até chegar na docência, alicerçando-se através do concurso e especializações, demonstrando assim, suas capacidades bem como quanto esses processos pessoais foram construtivos e necessários.

Portanto, conclui-se que essas mudanças na vida, veio surgindo a partir de toda uma conjuntura de fatores que mediaram o percurso de transição das mudanças de vida desses sujeitos, ao qual não dependeu apenas deles, mas também de todo um contexto social e político.

2º DIMENSÃO DE ANÁLISE: FORMATIVO

A parte formativa é essencial na construção do ser humano, principalmente quando o mesmo procura sempre se conectar e acompanhar as atualizações da sociedade ao qual o sujeito encontra-se inserido. Quando falamos dessa dimensão nesta pesquisa, o intuito é trazer à tona as vivências dos professores durante esse período de formação, de experiências dessa trajetória no curso de pedagogia.

Ainda mais, esse estudo acabou realizando além de uma análise da parte pessoal dos professores em questão, também foi necessário entender a parte formativa dos mesmos, mostrando partes importantes dos seus tempos de formação como ênfase para entender partes de suas trajetórias de vida. Explorar essas questões é conhecer as direções tomadas por cada professor, que servem de espelho para todo o meio social. Dessa maneira, essa dimensão encontra-se dividida também em categorias e unidades, abordando na primeira Categoria de Análise: “Vivências no Curso”, na primeira Unidade de Sentido: “Oferta”, segunda Unidade de Sentido: Predominância das mulheres e na terceira Unidade de sentido: Dificuldades para Conclusão.

1º Categoria de Análise: Vivências no Curso

Cada pessoa tem sua experiência, e assim, podem trazer as mais diversas lembranças (boas ou ruins), bem como sensações de angústia, medo, felicidade e entre outros sentimentos que fazem parte da construção humana. Por isso, sobre os pontos de vista das vivências abordada por Vygotski, as autoras Bittencourt e Fumes (2021, p.05) trazem que:

A unidade de análise *vivência*, no legado de Vygotski, atravessa seus escritos enquanto relação do Indivíduo com o mundo desde o nascimento, considerando o papel do meio social no desenvolvimento e os acontecimentos externos ou circunstâncias que o envolveram ao longo dos diferentes períodos e situações de vida. É a internalização das relações sociais articuladas com motivações que impulsionam ou imobilizam o indivíduo na apropriação das práticas e sua imersão no mundo. Assim, na perspectiva histórico-cultural, *vivência*, em seus textos pedológicos, é uma unidade sistêmica da consciência/personalidade na relação com o meio, é uma fonte de informações sobre a constituição do indivíduo.

Sobre essa perspectiva, essa pesquisa buscou, através do diálogo com os professores entrevistados, entender como foi a vivência no curso de pedagogia. Compreender essas histórias é interessante, haja vista a necessidade de captar justamente por completo as trajetórias e vivências do público masculino quando estavam nas salas de aulas ocupando o espaço como graduandos. Então, quando trazemos para essa perspectiva do curso, dá-se um novo olhar significativo a todas as interações proporcionadas e vividas do sujeito com o curso.

1º Unidade de Sentido: Acesso ao Curso

Nessa unidade de Sentido relacionado à acesso ao curso, é relevante trazer à tona a visão sobre o ingresso dos professores no curso de nível superior, haja vista o contexto de dificuldades da época em que iniciaram a formação. Seguindo esse ponto de vista, Pierre Bourdieu (2007, p. 41) fala que:

Justamente porque os mecanismos de eliminação agem durante todo o cursus*, é legítimo apreender o efeito desses mecanismos nos graus mais elevados da carreira escolar. Ora, vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem de classe média.

A Educação, sem dúvidas, é capaz de proporcionar possibilidades de mudança na vida dos sujeitos, abrindo novas portas de conhecimentos e conseqüentemente novas oportunidades e perspectivas no sentido da mobilidade social e econômica. Dessa maneira, ao longo da conversa com os professores, os mesmos discorrem sobre como teria ocorrido esse acesso ao curso para que pudessem se formar como pedagogos e atuar na docência. Sendo assim, os professores, *Paulo Freire, Florestan Fernandes e Anísio Teixeira* falaram que:

Eu soube que ia ter o vestibular aqui em Dona Inês mesmo, nessa época foi Vilma Almeida que trouxe a UVA para aqui, Dona Inês mesmo no Humberto Lucena, aí eu soube, me matriculei para fazer o vestibular, passei, só que eu não tinha condições, dependia dos meus irmãos que estão em São Paulo. Eles mandaram a mensalidade para eu pagar. (PROFESSOR PAULO FREIRE, APÊNDICE A, p. 76).

Olha só, eu ingressei na minha faculdade, magistério, eu não tinha terminado nem o médio ainda quando ingressei no magistério, e eu com a sétima série. Foi no ano que a professora Vilma, também uma professora que me incentivou muito, me chamou para ensinar, eu tinha 20 anos, eu com 20 anos não tinha terminado o ensino médio ainda [...] Então, assim, essa professora que foi Vilma na época, ela era professora e depois ingressou como secretária da educação aqui da cidade,

então, ela me incentivou muito, sabe. E eu fazia magistério e estava cursando a 8ª série da época, já passava para o 1º, não existia o 9º. Então, eu fui fazendo os dois, certo? Então eu terminei o médio e logo em seguida terminei o magistério. No tempo do magistério a gente já ingressou na faculdade de Pedagogia, também com o incentivo dela, que sempre falava assim para a gente, olhe: "vocês estudem, que vai chegar um tempo que vocês não vão ter um trabalho se vocês não tiverem a graduação". (PROFESSOR FLORESTAN FERNANDES, APÊNDICE A, p. 69).

[...] ela me chamou para trabalhar e eu fui, e com um tempo depois foi que incentivou a gente ah... a gente só podia ficar sendo professor se tivesse uma graduação. Até então, tive que fazer o LOGOS primeiro. Ai depois que fiz o LOGOS, que era o magistério, para primeiro poder ficar na sala de aula, e com o tempo depois Vilma nós incentivou para a gente fazer... já tinha a UVA em Guarabira, a Pedagogia, e incentivou a gente fazermos a faculdade. (PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA, APÊNDICE A, p. 59).

Diante dessas respostas obtidas, é possível perceber que esse acesso veio num momento importante, pois proporcionou a oportunidade de conseguirem um emprego. Pois, através da formação é que puderam galgar o emprego ao qual necessitavam.

Na época desses professores entrevistados, a cidade de Dona Inês/PB estava passando por algumas evoluções educacionais, assim como em toda a sociedade, onde passava-se a exigir aos poucos, que os docentes fossem cada vez mais especializados para poderem atuar nas salas de aula, quanto para poderem se manter em alguma vaga de concurso público. Até então, existia a escassez do curso, até mesmo mediante as circunstâncias dos avanços de importância da área educacional do tempo. Então, houve um apoio da secretária para essa finalidade da educação.

O professor *Florestan Fernandes* e *Anísio Teixeira* começaram ingressando no magistério, para só depois, a secretaria de educação da época, conseguir trazer para a cidade um polo da Universidade denominada de: UVA Vale do Acaraú, trazendo o curso de Pedagogia para mais perto, gerando mais possibilidades de formação. Agora, os dois professores, mais o professor *Paulo Freire* passaram a se beneficiar com essa chegada da Pedagogia, fazendo o curso de forma particular, para assim, atender às circunstâncias da demanda de emprego na época; entende-se que a prefeitura estava querendo pedagogos, já que fez questão de tornar mais próximo o curso de Pedagogia.

A partir disso, nota-se o quanto a educação é capaz de transformar o ser humano, abrindo-lhe tanto novas portas de conhecimento como aumentando as possibilidades de melhores empregos e condições de vida.

2º Unidade de Sentido: Predominância das Mulheres

É notório que ainda hoje a pedagogia é uma área predominantemente feminina. Esse

espaço educacional é uma fase fundamental no desenvolvimento das crianças, envolvendo todo um núcleo de afetos, ludicidade, conhecimento e entre outros aspectos responsáveis pela formação do ser humano para ter autonomia e conseguir conviver em meio a sociedade e seus avanços. Ademais, as crianças passam a ter essa ligação do núcleo familiar com o escolar, e onde os pais depositam nessa instituição toda a confiança. Desse modo, segundo Sayão (2005, p. 25).

[...] os conhecimentos na Educação Infantil estão situados na esfera da totalidade do ser humano. O corpo, o movimento, as emoções, as diferentes linguagens, entre outros elementos, são instrumentos de apreensão da cultura e, por essa razão, a educação das crianças pequenas diferencia-se daquela presente na escola tradicional.

Logo, fica evidente que as professoras e professores têm uma importante função, principalmente nessa primeira etapa da educação básica. Mas, acima de tudo, é necessário entender e respeitar a potencialidade de todo(as), pois homens conseguem desempenhar essas funções, bem como a exemplo dos professores que contribuíram neste estudo com suas histórias de vida. Segundo Campos, Carvalho e Sousa (2022, p. 124):

Historicamente, as mulheres têm ocupado majoritariamente a docência na Educação Infantil, de tal forma que o gênero tem sido um dos marcadores fundamentais da condição docente nessa etapa da educação básica [...] Com efeito, a composição do professorado brasileiro da educação básica, por gênero, indica que quanto mais alta é a etapa e nível de ensino menos mulheres e mais homens compõem o quadro docente, configurando-se uma segregação ocupacional de gênero, especialmente na Educação Infantil, etapa inicial da educação em que os homens constituem uma minoria dos docentes.

No entanto, principalmente no que tange a Educação Infantil, percebe-se que a sociedade acaba permanecendo com seus padrões pré-estabelecidos culturalmente, circundando o professor de desconfianças não só das suas capacidades, mas também de sua sexualidade, tornando sua condição de gênero um sinônimo de "profissão errada", enquanto as mulheres acabam sendo as mais cogitadas para esses cargos. Quando perguntado para os professores entrevistados como era o ambiente de sala de aula quando frequentavam o curso de pedagogia, eles relataram que durante suas formações:

Era 35. Acho que tinha eu e mais 2 homens e o resto era tudo mulher. Nesse tempo já eram professores que lecionavam aqui em Dona Inês [...] Era bem estranho. Só tinha eu e mais 2, o resto tudo mulher, mas não foi tão difícil não. (PROFESSOR PAULO FREIRE, APÊNDICE A, p. 77).

É, realmente as mulheres sempre são as que mais frequentam essa área de pedagogia, na época tinham pouquíssimos homens. Se não me engano, acho que uns 5, o resto era só mulher. (PROFESSOR FLORESTAN FERNANDES, APÊNDICE A, p. 70).

Eram mais mulheres, sempre mulheres. A pedagogia que a gente fez lá em Guarabira no sábado, eram a maioria mulheres. Até então, hoje no quadro do município só são mais mulheres do que homens [...] Mas assim, eu sempre via isso, já tinha essa noção

de que sempre na educação tinha mais mulheres do que homens, e até hoje predomina a mesma coisa. (PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA, APÊNDICE A, p. 62).

Como foi relatado pelos professores, em seus tempos de formação, as mulheres sempre ocuparam em maior número esse espaço e até hoje, assim como o próprio professor *Anísio Teixeira* coloca mais explicitamente, essa conjuntura reflete muito ainda nos dias atuais. Também foi possível observar, segundo as colocações, que os docentes não se incomodavam com essa desproporção numérica, assim como não desmotivou os mesmos em sua jornada de formação. No entanto, é evidente que os entrevistados notaram que os homens eram minoria naquele curso, na sala de aula, fica claro que se perceberam isso, foi porque esse cenário foi sim, de certa forma curioso e desafiador, o que remete mais ainda na coerência dessa pesquisa.

Portanto, olhar para esse cenário, é compreender que essa busca do homem por espaço na pedagogia e, especificamente, na fase da Educação Infantil, é algo que merece atenção e discussão, para que se pense na valorização desses profissionais nesses espaços de atuação.

3º Unidade de Sentido: Dificuldades para Conclusão

Nessa dimensão, retrata as dificuldades de conclusão do curso de pedagogia enfrentado pelos professores em questão. Levando em consideração essa dimensão Formativa, é interessante ressaltar aqui, as experiências das construções profissionais adquiridas ao longo dessa caminhada, como através das dificuldades, desafios, vivências e entre outros fatores do período da graduação, ao qual tornam importante na aquisição de uma boa formação. Segundo Nóvoa (1992, p. 13):

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. [...] A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

Por isso, é tão importante que o professor tenha sua formação como um meio que não traga apenas uma base teórica, mas também prática, logo, é interessante que se dê voz às experiências pessoais desses profissionais. As dificuldades da época de formação desses professores entrevistados eram inúmeras se comparadas a da contemporaneidade, onde as

dificuldades econômicas e sociais se faziam presentes na vida desses três colegas de curso. Quando perguntado sobre essas dificuldades para a conclusão do curso, os mesmos retrataram que:

Era pago. Mas Como meus pais não tinham condições e meus irmãos estavam em São Paulo, aí eles mandavam e eu conseguia pagar a mensalidade. Era aqui em Dona Inês mesmo. Se não eu não teria feito, não tinha nem condições para pagar o que? Transporte, matrícula, material de faculdade, lanche, tudo. Minha mãe quem mandava meu almoço, minha quentinha. Meu irmão tinha uma casa aqui na cidade, aí ela mandava pelo meu irmão e ele trazia, eu almoçava e retornava para... porque era o dia todo, era nos sábados o dia inteiro, era todo sábado, uma vez por semana [...] Porque não foi fácil, não tinha transporte, era a pé, saía na chuva, no sol, voltava à noite, Tinha dia que terminava tarde, tinha que enfrentar, muitas vezes chorava pelo caminho querendo desistir, mas... é assim mesmo, não tem nada fácil na vida. Eu pensei em desistir várias vezes, só que... "não, você vai continuar, é melhor, pensar no futuro." (PROFESSOR PAULO FREIRE, APÊNDICE A, p. 76-77)

Olhe, o magistério eu fiz uma maior parte em Tacima, na cidade de Tacima aqui vizinho a nós. Então, assim... para gente ir pra lá foi um tempo tão difícil. Porque naquele tempo ninguém tinha moto, não tinha bicicleta, não tinha carro, então a gente ia pegando carona, o que passasse, podia ser um trator, uma caçamba." A gente tinha uma equipe, acho que 5 pessoas na época. Então, para gente chegar lá no horário certo era difícil, pra gente voltar para chegar em casa era um tempo muito... Era à tarde. Eu voltava para cidade, e da cidade eu ia a pé para o sítio. Nós cinco íamos caminhando a pé, nós chegávamos na cidade de carona, às vezes às 6 horas da noite, 7 horas da noite, aí a gente ia caminhando para o sítio. Muitas vezes chegava em casa 8 horas, 9 horas da noite. Então, foi tudo muito complicado, mas a gente conseguiu. Para a gente terminar o magistério foi muito complicado também, devido ao transporte, porque naquele tempo as prefeituras não ofereciam transporte para a gente ir estudar fora. Então a gente tinha que meter a cara. (PROFESSOR FLORESTAN FERNANDES, APÊNDICE A, p. 69).

Todos nós professores da época, tivemos que fazer o LOGOS. Era maior dificuldade, começamos fazendo aqui, depois tivemos que ir para Tacima/PB, depois para João Pessoa/PB. Quando já estava quase terminando é que a gente ficou terminando aqui. Veio uma professora de fora, que Vilma no tempo era Secretária de Educação, ela trouxe uma professora para... de início quem estava aplicando as provas para a gente era a professora Maria Dapaz, tem até uma escola aqui em homenagem a ela. Depois teve um probleminha lá e ela trouxe a professora Rivanda lá de João Pessoa para concluir o curso do magistério aqui no... onde é o espaço da memória, a gente fazia ali. E foi tão corrido que quando passei no concurso ela me deu um prazo de janeiro a março para concluir, se eu não concluísse eu não entraria, mesmo tendo concurso. (PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA, APÊNDICE A, p. 60).

A Universidade era custeada pelos próprios professores enquanto formandos, e como residiam todos na zona rural, a distância acabou se tornando uma forte inimiga mediante as questões financeiras, já que a renda da agricultura era mais voltada à sobrevivência. Assim, entende-se que a perspectiva de mudança de vida, motivado pelo apoio dos pais, alinharam-se, conseqüentemente, às buscas dos seus objetivos, enxergando na graduação em Pedagogia uma porta para o futuro.

Conclui-se que as dificuldades sempre existiram, e que independentemente das adversidades impostas antes e durante o percurso de formação, as mesmas se caracterizam

enquanto elemento agregador não só na própria construção desses profissionais docentes, mais também nos aspectos constitutivos de humanização desses professores que futuramente lidarão com alunos que estarão passando por alguma vulnerabilidade social, e que possivelmente passarão por situações semelhantes às deles, seja no âmbito pessoal, formativo ou profissional.

3º DIMENSÃO DE ANÁLISE: PROFISSIONAL

Essa dimensão é caracterizada nesta pesquisa por meio da análise profissional dos entrevistados. Dessa maneira, baseado nos professores e suas histórias de vida é que, mediante o trajeto vivenciado, analisou-se todo esse percurso das trajetórias pessoal e formativa para que pudéssemos, enfim, compreender e dialogar agora sobre a fase profissional desses docentes.

A fase profissional traz consigo muitas responsabilidades e desafios de permanência, haja vista que há a responsabilidade de se preparar para assumir uma posição onde exige que tal profissional consiga se manter em determinada função. Os professores, sujeitos dessa pesquisa, também seguiram toda uma preparação, desde o magistério até as especializações, para que se mantivessem sempre atualizados aptos e qualificados profissionalmente. Essa dimensão pretende trazer elementos que compõem os aspectos profissionais dos professores. Assim, essa dimensão foi dividida em categorias e unidades, trazendo uma categoria de análise: “Desafios da Pedagogia”, assim como três unidades de sentido, ficando da seguinte forma: “Adaptação na Educação Infantil”; “Construção da Identidade Docente”.

1º Categoria de Análise: Desafios da Pedagogia

A Pedagogia é um componente fundamental e indispensável na construção da vida social dos sujeitos, não só dos alunos, mas também dos professores e professoras, pois também é a partir da intervenção pedagógica que ocorrem as interações mútuas e significativas de aprendizagens. Seguindo essa perspectiva, Pimenta, Pinto e Severo (2020, p. 03-04) discorrem que:

Pedagogia é a ciência que tem esse papel: estudar a práxis educativa com vistas a equipar os sujeitos, profissionais da educação, dentre os quais o(a) professor(a), para promover as condições de uma educação humanizadora. Seu objeto de estudo é a educação nas várias modalidades em que se manifesta na prática social. Ao debruçar-se sobre o fenômeno educativo para compreendê-lo, amplia seu olhar, sua

busca em outras ciências que também se debruçam sobre a complexidade do humano, síntese de múltiplas determinações. A Pedagogia compete investigar a natureza do fenômeno educativo, os conteúdos e os métodos da educação, bem como seus procedimentos investigativos, com vistas a articular essa complexidade em busca do humano - humanizado e humanizador.

Dessa forma, vemos que a pedagogia é de fato uma ciência da Educação, procurando sempre destacar essa relação da teoria e prática, elementos esses fundamentais para a implementação de uma educação mais acolhedora para todos(as) os(as) envolvidos(as). A práxis hoje, pode sim, ser considerada um desafio para a pedagogia, tendo responsabilidades como a de levar em consideração o acolhimento da realidade do contexto social das crianças com o encontrado dentro do ambiente educacional.

1º Unidade de Sentido: Adaptação na Educação Infantil

O ser humano tem capacidade de se adaptar a determinados ambientes aos quais são impostos, e a educação pode ser considerado um propiciador dessa adequação dos sujeitos com o meio. Baseado nessa perspectiva de diálogo, é relevante observar nas colocações de Pimenta, Pinto e Severo (2022, p. 03) que:

A educação é uma atividade exclusiva do humano e ocorre entre os seres humanos, com dupla e simultânea finalidade de, ao mesmo tempo que insere os novos humanos na sociedade existente, os constrói em sua subjetividade e os coloca também em contato com o outro, os outros, possibilitando-os verem-se entre os outros, na relação entre o que é igual e diverso [...] Em nossa perspectiva, o sujeito a ser educado é o sujeito com capacidade de transformar a realidade em que vive e, para sê-lo, necessita conhecer criticamente as condições concretas de sua realidade, se apropriar dos instrumentos que lhe permitam compreender como foram produzidas as situações de des-humanização presentes na atualidade.

Logo, compreende-se que a educação é capaz de proporcionar subsídios que permitem aos sujeitos capacidades de não só conhecer a si mesmos e seu próprio meio, mas também de modificá-lo em uma perspectiva melhor. Essas colocações citadas acima são muito interessantes devido a perspectiva que se assemelha às vivências dos entrevistados, mediante suas trajetórias vividas até chegar a fase profissional. Foi possível observar que a realidade dos professores foram elementos fundamentais para a compreensão do contexto ao qual estavam inseridos, bem como o experienciado refletiu para uma melhor compreensão e adaptação à Educação Infantil. Os professores relataram que:

Sempre trabalhei como professor efetivo. Comecei aqui no Mundo Encantado, com crianças na pré- escola de 5 anos, turma de 20 e poucos alunos e foi difícil no primeiro, em 2009 foi a minha primeira sala, sem experiência nenhuma, deu vontade de abandonar tudo e desistir, mas... porque eu nunca tinha entrado em uma sala de

aula com crianças de 5 anos, até se acostumar, se adaptar foi difícil. Mas hoje é normal, já tenho 14 anos de experiência, já passei por tudo já. (PROFESSOR PAULO FREIRE, APÊNDICE A, p. 77).

Educação infantil, no início como falei, uns 2, 3 meses eu achei estranho, mas depois comecei a me adaptar; comecei a gostar das crianças, às vezes é até melhor do que pegar os outros alunos mais avançados um pouco. Eu gostava muito de atuar na Educação Infantil, gostava muito. (PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA, APÊNDICE A, p.62)

Com isso, percebe-se que os professores *Paulo Freire* e *Anísio Teixeira* relataram explicitamente que houve logo no início dificuldades assim que entraram nas salas de aula da Educação Infantil, e que tiveram vontade de desistir, mas que foram se adaptando a esse novo ambiente de trabalho.

Já o professor *Florestan Fernandes* afirma que:

Eu venho trabalhando desde 1993, e durante esse tempo, não foi comentado que o homem não poderia ensinar na Educação Infantil, mas em alguns encontros que nós tivemos com a secretaria, com alguns formadores que vinheram, alguns bateram na tecla. Não diziam porque, mas sempre diziam assim: "olha, a educação infantil seria bom que fosse uma mulher; os homens podem ficar na parte fundamental". Mas também eu nunca dei muito ouvido, também não perguntei. Eu atuei há 5 anos atrás. Essa parte que eu atuei foi bem recente. Eu já estava com 25 anos de trabalho, a 5 anos atrás, eu tô com 30. Devido a falta de professoras femininas que não tinha e a área lá era uma área distante, então a secretaria achou por bem que eu ficasse com uma cuidadora. Eu tive uma cuidadora também, nós tínhamos um aluno especial, e criança que está no infantil ela sempre necessita de ir no banheiro, às vezes de fazer xixi na fralda, então precisa sempre de alguém para esta cuidando, então, foi colocado uma cuidadora. (PROFESSOR FLORESTAN FERNANDES, APÊNDICE A, p. 72).

É possível notar nesse relato, que o professor *Florestan Fernandes* foi colocado para essa primeira etapa da educação básica devido à falta de professoras(mulheres), o que deixa claro a preferência por gênero para essa fase de ensino. No entanto, foi analisado que todos os três conseguiram se adaptar com maestria a um ambiente ao qual os homens são vistos por muitos como incapazes de exercer tal função.

Assim sendo, torna-se notório que o gênero docente não pode ser um motivo de pré-julgamentos, assim como não pode ser levado em consideração como um empecilho para desenvolver um bom trabalho nos espaços educacionais, tendo em vista toda a estrutura e avanços educacionais que tem-se atualmente, além de se ter noção das capacidade dos seres humanos em se adaptarem aos ambientes impostos.

2º Unidade de Sentido: Construção da Identidade Docente

A busca do profissional por descobrir-se em seu ambiente de trabalho é algo constante, que envolve desafios a serem enfrentados nessa busca de identificação com a área de atuação, onde o professor adentra em seu respectivo ambiente de trabalho utilizando da sua bagagem de saberes, assim como constrói seus saberes dentro do próprio ambiente de trabalho, assim como aborda Tardif (2014, p. 17):

Em suma, o saber está a serviço do trabalho. Isso significa que as relações dos professores com os saberes nunca são relações estritamente cognitivas: são relações mediadas pelo trabalho que lhes fornece princípios para enfrentar e solucionar situações cotidianas. Essa ideia possui duas funções conceituais: em primeiro lugar, visa a relacionar organicamente o saber à pessoa do trabalhador e ao seu trabalho, àquilo que ele é e faz, mas também ao que foi e fez, a fim de evitar desvios em direção a concepções que não levem em conta sua incorporação num processo de trabalho, dando ênfase à socialização na profissão docente e ao domínio contextualizado da atividade de ensinar. Em segundo lugar, ela indica que o saber do professor traz em si mesmo as marcas de seu trabalho, que ele não é somente utilizado como um meio no trabalho, mas é produzido e modelado no e pelo trabalho. Trata-se, portanto, de um trabalho multidimensional que incorpora elementos relativos à identidade pessoal e profissional do professor, à sua situação socioprofissional, ao seu trabalho diário na escola e na sala de aula.

Essa citação é bastante interessante, porque compreende-se que as experiências produzidas não só pela vida pessoal, mas a experiência profissional, servem de base para que o indivíduo possa se adaptar a determinados ambientes de trabalho através dessa aquisição contínua de conhecimento ao longo de suas vidas e, conseqüentemente, das vivências e interações. Seguindo essa perspectiva, quando perguntado aos professores se hoje tinham a pedagogia como um componente constituinte da sua identidade, eles responderam da seguinte forma:

Com Certeza, é minha identidade a Pedagogia, eu não pretendo mais ir para nenhuma outra área não, pretendo continuar como estou. Porque como eu tenho Letras, o pessoal fala: "Porque você não vai ensinar no Humberto Lucena na segunda fase?", não, se eu estou gostando da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, vou permanecer por aqui. (PROFESSOR PAULO FREIRE, APÊNDICE A, p. 79).

Tenho, pode acreditar que se fosse para mim fazer um curso ia fazer dentro da educação. Faria de novo Pedagogia, porque vale a pena você está numa sociedade onde você está contribuindo para o crescimento de tantas pessoas. (PROFESSOR FLORESTAN FERNANDES, APÊNDICE A, p. 73).

Hoje sim, hoje me identifico com a profissão, que já faz 25 anos. No início não, no início até tentei rejeitar um pouco, mas hoje não, depois de tantos anos já estou acostumado. É minha profissão e me identifico com ela. (PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA, APÊNDICE A, p. 64).

Ao analisar essas falas dos professores, é notório perceber que a vinda do curso de pedagogia na vida dos mesmos, bem como, o esforço feito para permanência, a vontade de alcançar a ascensão na vida, e entre outros fatores, fizeram com que os professores criassem ao longo desse percurso suas próprias identidades, tanto pessoal quanto profissional. Todo esse agregado de saberes, sem dúvidas, contribuiu para a adequação e permanência nesse ambiente da docência na Educação infantil. Isso mostra, que mediante o pensamento de ficarem no trabalho, e terem uma estabilidade, esses professores foram se moldando a essa fase de ensino.

Um exemplo disso, é a mensagem que o professor *Paulo Freire* trouxe em uma de suas respostas quando através de um diálogo lhe foi perguntado se o professor se adapta ao ambiente que está inserido, referindo-se no caso em específico a pedagogia e, subsequentemente, a essa primeira etapa da Educação Básica:

Se transforma, tem que se transformar. Aqui no meu dia a dia eu tenho meu jeito, durão, mas lá eu brinco, eu sou criança, sou palhaço, sou tudo, e a criança gosta, eu chego eles abraçam, eu falo: "amanhã vai vir outro professor", elas falam: "não, não, a gente quer o senhor, quer o senhor", aí tem uns que começam a chorar, e elas vão se acostumando, se apegando. (PROFESSOR PAULO FREIRE, APÊNDICE A, p. 79).

Portanto, percebe-se mediante a fala do professor entrevistado assim como em uma análise geral, que o professor para atuar na pedagogia bem como na Educação Infantil, não necessariamente precisa nascer com um dom pré-determinado para lidar com o público infantil, com a ludicidade que envolve esses ambientes educacionais, pois a formação consegue proporcionar ao ser humanos essas capacidades, os fazendo aptos a ocuparem os mais diversos espaços sociais, como as mais variadas áreas de trabalho, o que faz com que os homens também consigam aptidão sim, para atuarem nessa primeira etapa da Educação Básica, passando a criar suas próprias identidades no trabalho.

Desse modo, nota-se que o ser humano está sempre em desenvolvimento, na busca de sua formação da identidade. Para esse processo construtivo, é de fundamental importância as experiências vividas por cada sujeito, onde essa análise feita com os 03 (três) professores, mostrou que a dimensão “Pessoal”, responsável pela base do indivíduo, como os interesses, convívios e incentivos, o “Formativo”, busca por oportunidades de formação e perspectiva de vida, e o “Profissional”, período de encontrar-se em suas respectivas áreas de trabalho, mesmo que não escolhida. Desse modo, todos esses fatores, mostraram-se primordiais na busca e construção da identidade desses pedagogos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatores mencionados, nas análises desta pesquisa, busca-se romper com os preconceitos para com o professor nas salas de aula da Educação infantil. É muito preocupante, pois encontra-se este preconceito culturalmente enraizado na nossa sociedade, pois vê-se o homem como uma figura que não deve desenvolver o seu trabalho docente na Educação Infantil. Assim como também, mostra a necessidade de reformular a nossa realidade contemporânea a respeito desses aspectos, reconstruindo as ideologias em torno desse assunto.

Os resultados apontaram que para atuar nessa primeira etapa da Educação Básica, não é necessário nascer com um dom materno de cuidar, ou de ser naturalmente lúdico, assim apontado como herdado única e exclusivamente pelo gênero feminino. Mas, pelo contrário, requer a formação necessária desses sujeitos, onde através de seus estudos vão construindo o conhecimento acerca da profissão.

Defender a presença dos homens nesse espaço, é reafirmar os direitos à igualdade e de oportunidades de gênero, mostrando que os homens também são capazes de estarem naquele ambiente educacional, e conseqüentemente inspirando desde cedo crianças a seguirem o mesmo caminho, para que gradativamente, esses estereótipos que pairam sobre a capacidade masculina sejam aos poucos desconstruídos, tornando a figura do pedagogo mais aceita, o distanciando dos olhares desconfortantes de pré-julgamentos.

Ainda é relevante ir mais além do que só permanecer na questão do professor ser do gênero masculino, importa também dar ênfase a esses sujeitos em suas múltiplas dimensões (pessoal, formativa e profissional), as quais são responsáveis pela pluralidade dos saberes construídos pelos mesmos através das vivências, que são responsáveis pela formação do ser humano.

Considerar os sujeitos nessas multiplicidades, é entender que houve toda uma caminhada para que fosse possível a construção de suas identidades. As Experiências vivenciadas ao longo da trajetória de vida desses professores, são capazes de proporcionar um leque de aprendizado, valores e entre outros conhecimentos, os quais agregaram consideravelmente no modo de estar e agir na sociedade.

Quando os professores entrevistados mostraram, que as vivências lhes proporcionaram uma formação capaz de possibilitar uma apropriação do ambiente de trabalho na educação infantil, eles acabam deixando claro, tanto que todos são capazes dessa adequação aos ambientes de trabalho com as crianças pequenas, quanto proporcionam aos futuros e atuais professores, a inspiração de suas potencialidades e capacidades de adaptação.

É interessante ressaltar a fim de esclarecer esse ingresso e permanência dos sujeitos como professores, principalmente pelo motivo de que ao longo do tempo o meio educacional vem passando por alguns avanços, não só legais, como também em sua composição, já que tem-se hoje, um melhor suporte pedagógico, e também uma melhor estrutura física, e entre outras características que passam a acolher melhor o corpo docente e os discentes.

Levando em conta esses aspectos supracitados, é perceptível que a contemporaneidade veio trazendo com sigo mais formas de acolher essa permanência do professor nas salas de aulas da educação infantil, isso também levando em conta hoje, a presença de cuidadoras escolares, onde auxiliam o(as) professo(a)s a exemplo, nós momentos de levar essas crianças ao banheiro, na troca de fraldas e entre outros. Os professores entrevistados falaram sobre esse assunto visando à época, levando em conta a auxiliar de cozinha que ajudava as crianças nesses momentos de necessidades fisiológicas a pedido do docente. Essas atitudes de certa forma moderavam esses olhares receosos de ter uma figura do gênero masculino em contato direto com as crianças.

Do mesmo modo, é importante estabelecer a idéia de que o professor não precisa necessariamente levar a criança ao banheiro, porque para isso deve se fazer presente uma cuidadora, mais no entanto, é necessário a presença desse profissional no contato em sala de aula, interagindo, participando e mostrando que é necessário ter na escola não apenas experiências maternas, mas também paternas. Então, percebe-se que gradativamente vão surgindo mais oportunidades do professor ir conseguindo sua inserção e aceitação no meio educacional.

Esse estudo proporcionou compreender o quanto é importante considerar as identidades, assim como as outras bagagens experienciais, construídas desde criança no contexto familiar e em outros espaços formativos. Portanto, espera-se que esse trabalho possa ter contribuído significativamente para entender melhor essas questões de gênero, bem como, que cada vez mais surjam trabalhos que gerem reflexões da temática em questão.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. P.; HAMMES, C. C. A androfobia na educação infantil. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, [S. L.], v. 3, n. 7, p. 5-20, 2012. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/580>. Acesso em: 14 set. 2022.

ARCE, Alessandra. Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins-de-infância. **Revista Brasileira de Educação**, n° 20. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2002. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.scielo.br/j/rbedu/a/skcRGkVSS8m4dByb8F6ZbQn/%3Flang%3Dpt%26format%3Dpdf&ved=2ahUKEwjOt7_4ovb6AhV8rJUCHTz3B1gQFnoECBAQAQ&usq=A0vVaw0rvm91QvWPjtU1aBwX8cQj.

Acesso em 26 outubro 2022.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod_resource/content/2/ARI%25C3%2588S.%2520Hist%25C3%25B3ria%2520social%2520da%2520crian%25C3%25A7a%2520e%2520da%2520fam%25C3%25ADlia_text.pdf&ved=2ahUKEwij5sn0oOb6AhVbuJUCHfcGDckQFnoECBgQAQ&usq=A0vVaw3KpCpgIUiBOvDjZ89mwPs9. Acesso em: 11 out. 2022.

ASBAHR, Flaviana da Silva F. Sentido pessoal, significado social e atividade de estudo: uma revisão teórica. São Paulo, v. 18, número 2. Maio/agosto de 2014.p. 265-272.

BITTENCOURT, Ivanise G. S.; FUMES, Neiza L. F. Vivências em Vygotski: contribuições teórico- metodológicas para análise do contexto histórico-cultural nos estudos com indivíduos. **Educação: Teoria e Prática**, v. 31, n. 64, p. 1-20[2021], 10 jan. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ, 2007.

BORDAS, Larousse, 1999. Edição organizada pela Editora Nova Cultural Rua Paes Leme, 524-10º andar - CEP 05424-010 São Paulo-SP - Brasil (Artigo 15 da lei 5.988, de 14/12/1973).

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. P. 15-67.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário oficial da União; Brasília, 1996.

CARDOSO JÚNIOR, W.; PINTO NUNES, C.; COSTA CARDOSO, B. L..

MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO: um diálogo para pesquisa sobre a qualidade de vida. **Momento - Diálogos em Educação**, [S. L.], v. 31, n. 03, p. 179-200, 2022. DOI: 10.14295/momento.v31i03.14100. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/14100>. Acesso em: 12 maio. 2023.

[Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.

FELIPO. 6 teóricos da Educação Infantil, 2018. Disponível em: <https://minhasatividades.com/6-teoricos-da-educacao-infantil/>. Acesso em: 23, out. de 2022.

FERREIRA, Murilo Rocha; OLIVEIRA, Ivanilton José de. **A Atuação do homem na docência da Educação Infantil no Brasil**. Anápolis - GO: Revista Plurais - virtual, 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/download/11420/8151/>. Acesso em: 23, out. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. Miniaurélio século XXI escolar: O minidicionário da língua portuguesa. 4. edição Rev. Ampliada: Rio de Janeiro: nova fronteira, 2001.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília, 3º edição: Liber Livro Editora, 2008.

GLAT, Rosana, et al. **O MÉTODO DE HISTÓRIA DE VIDA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**. Rev. Bras. V. 10,

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2010. Acesso em: 23, fev. 2023.

JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karone. **Masculinidade e docência na educação infantil**, nº 2, volume 25. Florianópolis, 2017.

LIRA, Suedna. PESQUISA DOS MUNICÍPIOS: Confirma o ranking das 20 cidades paraibanas que são excelência em gestão de Educação. Polêmica Paraíba, 2022. Disponível em: <https://www.polemicaparaiba.com.br/paraiba/pesquisa-dos-municipios-confirma-o-ranking-das-20-cidades-paraibanas-que-sao-excelencia-em-gestao-de-educacao/>. Acesso em: 23, fev. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, et al. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21º edição. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 545-570.

MORAES, Isabela; MEDEIROS, Letícia. Gênero: você entende o que significa?. Politize, 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>. Acesso em: 02, nov. 2022.

MORAES, Pâmela. Ideologia de gênero: O que é e qual a polêmica por trás dela?. POLITIZE, 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ideologia-de-genero-questao-de-genero/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. Lisboa, Dom Quixote, 1992. p. 1-27. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>>. Acesso em: 23 de maio, 2023.

- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a profissão**. Lisboa. Dom Quixote, 1992. p. 15-33.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PASSOS, J. S; RABELLO, Eliane; PASSOS, J. S. Vygotsky e o desenvolvimento humano. Rio de Janeiro, 2010. p. 01-10. Disponível em:
<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Vygotky+e+o+desenvolvimento+humano&btnG=#d=gs_qabs&t=1683732368147&u=%23p%3Dfy2r-1ovY5MJ>.
Acesso em: 11 de maio de 2023.
- FIALHO, Nadia Hage. OLIVEIRA, João Danilo Batista. ANISÍO TEIXEIRA, SISTEMA DE EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA. Edu. Soc., Campinas, v. 43, p. 01-21. Disponível em:
https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.scielo.br/j/es/a/GJsyK8DqNwqfvBMJzhxZ9rB/&ved=2ahUKEwiFiO_eh6b_AhVHBbkGHU-6AhYQFnoECBkQAQ&usg=AOvVaw1gRh1rCZYGmlLzBS4hrdrV . Acesso em: 27 jun. 2023.
- FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes necessários á prática educativa**. 25°. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor Homem: O Estrangeiro na Educação Infantil**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2016, p. 01-214.
- PIMENTA, S. G; PINTO, U. A; SEVERO, J. L. R. L. A Pedagogia como locus de formação profissional de educadore(as): Desafios epistemológicos e curriculares. Ponta Grossa, v. 15, p. 1-20, 2020. Disponível em:
<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092020000100137&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 19 de maio de 2023.
- RAMOS, Joaquim. Gênero na Educação Infantil: Relações (im) possíveis para professores homens. 1º edição. Jundiaí: Paco editorial: 2017. p. 13-65.
- SAVIANI, Dermeval. Florestan Fernandes e a educação. Estudos Avançados. vol. 10, nº 26, p. 71-87, São Paulo, jan./abr. 1996. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/CwvqDcdywnTVY7dZDwmGpGf/?lang=pt&format=html>.
Acesso em: 27 jun. 2023.
- SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria útil de análise histórica**. [S.I.]: Educação e Realidade, p. 71 - 99, 1995. Disponível em:
<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.seer.ufrgs.br/educacaoeorealidade/article/viewFile/71721/40667&ved=2ahUKEwj7xeWdldD7AhXnkZUCHSylC7sQFnoECBIQAQ&usg=AOvVaw2gha5eeaPFELvHEWJwSoxm>. Acesso em: 2 nov. 2022.
- SAYÃO, Thomé Debora. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação infantil: Um estudo de professores em creches**. Tese de (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da educação, Florianópolis, 2005. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106572>. Acesso em: 05 out. 2022.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15° ed. Petrópolis. RJ: vozes, 2014.

SOUZA, R. G. P. DE; CAMPOS, K. P. B.; CARVALHO, M. E. P. Homens na educação infantil: gênero como marcador da condição docente. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 20, p. 123- 138, 27 maio de 2022. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/persdia/article/view/15010>. Acesso em: 31 out. 2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17^o. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VEIGA, Ilma Passos da Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). Projeto político pedagógico da escola uma construção possível. Campinas: Papyrus, 1998, p.11-35. Acesso em: 15 de abril de 2023.

APÊNDICE A - DADOS DAS ENTREVISTAS

QUADRO 2 - Professor Anísio Teixeira

Professor Anísio Teixeira/ Resposta das Dimensões
PESSOAL
<p>Em Dona Inês, nasci e me criei aqui. Nunca saí para nenhum outro local não. Quando pequenos tínhamos algumas dificuldades como toda família tem, mas ao decorrer do ano, graças a Deus minha mãe começou com o comércio e a vida foi melhorando mais um pouco. Daí então eu trabalhava com ela no comércio, e sempre estudando, até chegar o momento de começar a trabalhar. E então comecei a lecionar a partir dos meus 20 anos de idade, quando estava terminando o ensino médio. Assim, eu não tenho muitas recordações ruins não da minha infância, sempre graças a Deus sempre foram boas, assim como na escola... sim, teve quando eu trabalhei na roça também. A gente trabalhava na agricultura, de manhã a gente ia para o roçado e à tarde estudava, e às vezes vice-versa. São 3 irmãos, Sou o mais velho. Também estudavam, todos sempre estudaram. Sempre eles levaram a gente para a base dos estudos. Porque na verdade é no estudo que a gente consegue alguma coisa na vida. Então sempre foi a questão do estudo.</p> <p>Tive Educação Infantil, estudei no Mundo Encantado, que era perto aqui da igreja, Assembleia de Deus, sempre em escola pública, nunca estudei... quer dizer, a faculdade foi que fiz particular, foi na UVA. Mais o restante dos meus estudos sempre foram em escola pública. Bom, muito bom, era um ambiente totalmente diferente do de hoje. Antigamente não tinha algumas coisas como bullying, essas coisas, você brincava à vontade, não tinha esse negócio de qualquer coisa está brigando com o outro, e a gente se divertia mais do que as crianças de hoje. Antigamente era muito, muito melhor do que hoje. A gente às vezes fica comparando, os professores ficam comparando, como a gente, a maioria dos professores que são aqui do município todos nós estudamos juntos, todos nós conhecemos, então nós formamos juntos também. Então nos momentos de intervalo nas escolas, a gente começa a conversar e começa a relembrar como foi nossa infância na escola, e a gente vê que é totalmente diferente das crianças de hoje. Tinha suas dificuldades e tinha suas... Eu acho melhor em termos de infância, as brincadeiras que a gente tinha do que hoje. Antes a gente brincava à vontade mesmo, tinha vários tipos de brincadeiras. Hoje o pessoal só se liga em termo de Tecnologia, ou seja, celulares, está agarrado no celular e esquece das brincadeiras de antigamente.</p> <p>E hoje está um pouco mais complicado. Como faz 25 anos, a gente comparando os alunos de logo quando eu comecei para agora, hoje está mais complicado. A gente brincava muito na</p>

infância, de se esconder, quando estava chovendo a gente ia brincar na chuva ou na lama, ia jogar bola... Eu lembro que a gente ia jogar bola aqui embaixo no ginásio aqui embaixo, jogava bola, ia para o campo onde é o hospital hoje. Então, na época da chuva a gente sempre fazia isso, saíamos brincando, tinha muitos tipos de brincadeiras e hoje a gente não vê mais isso. aqueles carrinhos de lata, pegava aquelas garrafas de água sanitária e fazia aqueles carrinhos para brincar na rua também, e era muito bom, saia para o sítio para pegar manga, pegava 3, 4 latas e saia para pegar a castanha no sítio, era muito divertido.

Eu comecei na educação infantil, era pequeno, lembro que ainda tem ali, perto da Assembleia de Deus, hoje o pessoal do quilombo que frequenta lá, a escola era ali, acho que se não me engano era o mundo encantado. Mas sempre foram professoras, sempre tive professoras. A primeira fase sempre foram professoras. Era tia Cicinha se não me engano, tia Dinha também que era professora de Educação Infantil na época, aí depois fui estudar com dona Nevinha onde fui alfabetizado, aí a partir de dona Nevinha já fui para o 2º ano no José de Melo com a professora Lia. Só na 2º fase, já quando estava aqui no colégio.

Eu era muito novo, tinha uns 5, 6 anos, eu acho, mas para mim era normal. Vaga lembrança, mas era normal. Mas assim, eu lembro que era bom. Na época até, a primeira dama aqui do município era Vilma Almeida e lembro dela que ela também dava alguns toques lá na escola, e foi muito bom a passagem na Educação Infantil na época. E lembro também das professoras, muito boas, vagamente que lembro é isso. Não, na época acho que a gente não...era só mais para brincar, eram mais brincadeiras.

E assim, com um tempo depois os meninos começaram a entrar na escola com 7 anos de idade na primeira série, e muitos alunos não tiveram Educação Infantil. Era para brincar, essas coisas. A gente começava a alfabetizar no 1º ano. Hoje é totalmente diferente, já começa a alfabetizar na Educação Infantil. Já vem outras questões antes.

Quando eu comecei a lecionar eu tinha... estava acabando o Ensino Médio e até então, na época da política tinha gente que trabalhava no mape, e minha mãe foi falar com Vilma para ela arrumar um emprego para mim e ela me colocou para ser professor, só que eu não tinha terminado os estudos ainda, e eu comecei a lecionar faltava um ano para terminar os estudos, o terceiro grau como se diz, o terceiro grau é o terceiro ano hoje. Dessa forma eu entrei, ela me chamou para trabalhar e eu fui, e com um tempo depois foi que incentivou a gente ah... a gente só podia ficar sendo professor se tivesse uma graduação. Até então, tive que fazer o LOGOS primeiro. Aí depois que fiz o LOGOS, que era o magistério, para primeiro poder ficar na sala de aula, e com o tempo depois Vilma nós incentivou para a gente fazer... já tinha a UVA em Guarabira, a Pedagogia, e incentivou a gente fazermos a faculdade. Era em Guarabira/PB e a gente ia todo

sábado. O LOGOS era o magistério, primeiro a gente tinha que ter isso para conseguir ficar, e logo após eu tinha que fazer a graduação. Porque teria que ter Pedagogia para estar em sala de aula, aí nós todos fizemos Pedagogia na época. Acho que foi em 2002. Meus pais sempre me apoiaram nessa questão.

Assim, era para a gente ter que ficar, porque tinha que fazer o concurso, e para ter o concurso tem que ter o Magistério, então tinha que fazer o magistério primeiro para depois fazer o concurso. Não foi nem ter a vontade, tinha que ter mesmo. Todos nós professores da época, tivemos que fazer o LOGOS. Era maior dificuldade, começamos fazendo aqui, depois tivemos que ir para Tacima/PB, depois para João Pessoa/PB. Quando já estava quase terminando é que a gente ficou terminando aqui. Veio uma professora de fora, que Vilma no tempo era Secretária de Educação, ela trouxe uma professora para... de início quem estava aplicando as provas para a gente era a professora Maria Dapaz, tem até uma escola aqui em homenagem a ela. Depois teve um probleminha lá e ela trouxe a professora Rivanda lá de João Pessoa para concluir o curso do magistério aqui no... onde é o espaço da memória, a gente fazia ali. E foi tão corrido que quando passei no concurso ela me deu um prazo de janeiro a março para concluir, se eu não concluísse eu não entraria, mesmo tendo concurso. Aí eu tive que fazer 2.000 provas em 3 meses. Porque até então o prefeito já tinha me dado a portaria, mas ela me deu esse prazo para eu terminar essas provas em três meses, de janeiro até 10 de março quando iriam iniciar as aulas aqui. Teve dia de fazermos 10 provas por dia. Só que um ia ajudando o outro, como estavam todos no mesmo barco, todos os professores, um ajudava o outro e assim a gente foi levando e deu certo. Até porque se não eu teria desistido antes. E assim, minha mãe e meu pai também sempre deram o apoio para a gente estudar. Então, com esse incentivo de casa deu certo.

FORMATIVO

Até então eu não pensava em ser professor, isso foi a vida que me levou a ser professor. Mas até então quando eu passava...Eu gostava de jogar bola nas quartas feiras e via os professores reunidos lá, um anos antes eu via os professores todos reunidos em frente lá no centro cultural, que hoje é o espaço da memória e ficava analisando aquilo ali. Eu já tinha 18, 19 anos e ia treinar lá no campo e eu via os professores todos se reunindo lá, mas eu nunca imaginei que eu estaria ali 1 ano depois. Assim, como eu falei antes, minha mãe falou com Vilma e ela falou que iria me arrumar um emprego e quando foi no domingo ela falou: "Segunda-feira vá lá no centro cultural". Quando fui lá ela já me colocou como professor de primeira. Eu nunca pensei em ser professor, nunca imaginei. Pra mim logo foi um choque, porque não tinha conhecimento de nada,

inexperiente, só tinha o quê? 20 anos de idade, não tinha experiência nessa área, mas com o tempo a gente vai se adaptando e estou até hoje, 25 anos.

Eram mais mulheres, sempre mulheres. A pedagogia que a gente fez lá em Guarabira no sábado, eram a maioria mulheres. Até então, hoje no quadro do município só são mais mulheres do que homens. Na minha sala de aula lá em Guarabira, tanto em pedagogia quanto quando eu fiz geografia também sempre predominavam as mulheres. Só comecei o curso, mas não cheguei a concluir.

Pedagogia veio antes e Geografia depois. Acho que tinha mais de 20. Tinham muito poucos, no máximo 5, acho que não tinha isso tudo não. Não, sempre incentivaram. Até minha irmã é formada em Pedagogia também. Mas assim, eu sempre via isso, já tinha essa noção de que sempre na educação tinha mais mulheres do que homens, e até hoje predomina a mesma coisa. Na época só tinha eu... na época quando ingressei mesmo de professor: Eu, Romoaldo, Espedito, Daniel, Ednaldo, Júnior Andrade e Nequinho, acho que Geraldo. Pronto, esses 8 que estou lembrado desde que ingressei. E hoje também tem pouco homem, o panorama permanece. A maioria que predomina na educação são as mulheres. Pronto, por exemplo, lá nós duas escolas que eu leciono na José de Melo pela manhã e Antônio Mariz a tarde, de manhã sou eu e a tarde é Edmilson, nós dois, e na Antônio Mariz a tarde, sou eu e Juvenal, o restante é só mulheres. È, isso é fundamental, 3º ano. Só predominam mais mulheres. Sempre incentivaram. Até minha irmã é formada em Pedagogia também.

Sou formado em pedagogia e especialização em psicopedagogia. Assim é uma área que eu não... eu pensava muito geografia, eu gostava muito de geografia, mas depois que eu comecei a lecionar a pedagogia bateu mais forte, me identifiquei mais, principalmente com a Educação Infantil, eu gostava da Educação infantil. No primeiro momento quando eu entrei em 2016 eu tive um choque, tive que pedir ajuda na época a Maria de Lourdes, Júnior Santos e Priscila e eles me deram uns toques e fui desenrolando, até então eu comecei a gostar da Educação Infantil. Comecei a gostar mais do que a outra parte do fundamental. Mas como a gente tem que estar sempre mesclando, um ano estar em uma escola e no outro em outra escola, eu tive momentos de estar na Educação infantil ao 5º ano, tudo no mesmo horário, tudo misturado. Sempre quando estava lecionando na zona rural sempre foi assim, sempre toma multisseriada. Depois de 25 anos que estou em sala de aula, é a segunda turma que eu estou pegando só o terceiro ano, sem ser multisseriada. 2016 peguei o 2º ano e esse ano estou com o 3º.

PROFISSIONAL

Sou concursado desde 2000, peguei contrato 2 anos, 1998 e 1999. Em 1999 fiz o concurso e a gente assumiu em 2000. Então são 23 anos de concurso e mais 2 anos de contrato. Fica na cidade. São duas escolas, a do José de Melo de manhã, e Antônio Mariz a tarde. Todas as duas com uma turma de 3º ano. No José de Melo são 21 alunos e à tarde no Antônio Mariz são 18.

Sempre foi tranquilo. Mas assim, tem as mães que por conta das crianças, as meninas, elas sempre tem que ir no banheiro, e teve escola que eu tinha a monitora comigo, que elas tomavam conta das crianças, por exemplo, para ir no banheiro. Teve um tempo que não, acho que em 2013, 2014 no Miguel não tinha, a auxiliar (merendeira) era quem me ajudava. Quando as crianças queriam ir ao banheiro, as meninas, aí a auxiliar levava, eu pedia e ela levava. Mas depois de 2014, 2015 por aí, começou a ter monitores nas escolas. Aí as monitoras eram quem levavam a criança para... mas geralmente, com Educação Infantil predomina mais as mulheres. Algumas mães, alguma ou outra reclamam que querem mulheres por conta das meninas: "Quem vai levar a menina quando estiver precisando fazer as necessidades?". Mas até então ou a gente pedia a monitora, quando não tinha a monitora pedia a auxiliar.

Isso. Mas a maioria das vezes foi desse jeito, sempre assim, só eu e a auxiliar de cozinha, isso. E a monitora era a que tomava conta das criancinhas. Quando não tinha a monitora eu pedia para a auxiliar para levar as crianças no banheiro. Aconteceu várias vezes. Os pais não reclamavam muito não porque geralmente o pessoal do sítio é mais compreensível do que o pessoal da cidade, então não tinha muito problema não nesse sentido.

Nos últimos anos no campo teve algumas questões assim. As mães questionavam por conta das crianças da Educação Infantil quem era que iria tomar conta, em relação a ir ao banheiro. Mas como no ano passado não tinha monitora, mais eu pedia a auxiliar para me ajudar, e ela quem levava as criancinhas pequeninhas de 3, 4 anos, principalmente as meninas. No início sim, mas depois vai se acostumando, vai, sabe, pegando a prática. Já estou com 25 anos, não ligo mais. Mas assim, logo no início eu pensei em desistir, no 1º ano, 2º ano eu pensei em desistir, pensei em ficar não. Da Educação Infantil não, dos primeiros anos da carreira. Educação infantil, no início como falei, uns 2, 3 meses eu achei estranho, mas depois comecei a me adaptar, comecei a gostar das crianças, às vezes é até melhor do que pegar os outros alunos mais avançados um pouco. Eu gostava muito de atuar na Educação Infantil, gostava muito.

E eu gostava também, tem algumas escolas que a gente se identifica mais. Eu gosto mais de lecionar na zona rural. Foram 24 anos que passei lecionando na zona rural, então me adaptei muito. Até então as escolas que ensinei eram mais distantes, ensinei na Pedra Lisa, 2 anos lá e depois no Miguel que era mais distante, fechou agora. Mais assim, preferia ensinar na zona rural.

Hoje estou me adaptando, já faz 2 meses que eu volte para a cidade, aí estou me adaptando. Mas prefiro a zona rural. Porque é um lugar mais tranquilo. Assim, sempre quando eu trabalhava era só, então eu era lá o professor, o diretor, era o faz tudo, o gestor da escola era eu, só eu e a auxiliar e pronto e ali estava tranquilo. Aí quando você vem para outro ambiente, duas escolas diferentes, com duas diretoras diferentes e com professores diferentes, por mais que você conheça todos e já tenha o convívio com mais de 20, 20 e poucos anos com os parceiros e colegas de trabalho, mais é outro ambiente, não é a mesma coisa. E você trabalhar em um canto sozinho do que estar trabalhando com outras pessoas, é outro mundo. Aí vem aquelas questões de fofquinhas, de disse e me disse, e fica mais estranho, mais a profissão da gente para onde mandarem temos que ir.

Era a UVA, era uma universidade particular. Tinha que me deslocar até Guarabira todo sábado, fazia lá e depois Vilma trouxe para aqui, mas quando ela trouxe para aqui que foi feita aqui a gente já tinha terminado. E a pós-graduação eu fiz aqui e era particular também aqui no colégio.

Assim, é porque, na visão deles eles acham que a mulher tem mais um jeito, um jeitinho mais carinhoso de gerir as crianças, pelo menos as crianças de educação infantil a mulher tem mais aquele carinho, aquele jeitinho mais... aquela coisa mais maleável, aquele jeitinho materno de mulher, e o homem já é mais... mais bruto, entendeu? É mais grosso não tem muito... vou dizer assim... muito carinho. Por isso eu vejo o lado mais nessa parte de eles colocarem mais mulheres por conta disso, por conta do jeito materno das mulheres. E até então as crianças se adaptam mais com as mulheres, principalmente as criancinhas por conta disso. Então as crianças se adaptam mais com as professoras mulheres do que com os homens, a educação infantil. Não é nem tanto por conta de discriminação, é mais por conta disso mesmo. Porque quando eu estava lá, a gente tem e sempre dá carinho a todos, mas em comparação a mulher é totalmente diferente, isso em termo da Educação Infantil. Mas assim, quando eu estava lá eu fazia tudo para agradar a todos. dava meu jeitinho, mais assim, a visão é essa, o mais o lado materno que eles colocam mais na Educação Infantil as mulheres. Até então, muitos homens não querem não, eu acho que disso tudinho só tinha eu e Ivonaldo mesmo, os outros não querem não. Não, porque os homens não querem entrar na Educação infantil mesmo, muitos professores, colegas da gente mesmo não querem não, disse que não tem jeito, que... Pronto, quando eu estava lá no Miguel até agora em 2021, teve um colega meu que disse que não queria de jeito nenhum, se colocasse ele na minha turma ele ficaria perdido e não ia querer, porque eu estava com educação infantil ao 5º ano, então ele falou que não queria. E a maioria prefere ficar a partir do 3º ano, 4º ano onde os alunos já sabem ler. Brincar, cantar muito não querem. E com crianças você tem que brincar de todo jeito, tem que cantar todos os dias, porque mesmo se você esquecer um dia eles querem que você cante,

brinque e tem que ser assim. E eu gostava muito mesmo da educação Infantil, no início achava estranho, mas depois que me adaptei... Hoje sim, hoje me identifico com a profissão, que já faz 25 anos. No início não, no início até tentei rejeitar um pouco, mas hoje não, depois de tantos anos já estou acostumado. É minha profissão e me identifico com ela.

Hoje eu acho que não, por conta do que eu já venho passando, já a questão de sala de aula, se hoje eu, se nascesse hoje com a mente e experiência que tenho, acho que... mais entenda que eu gosto da minha profissão, mais se fosse para mim escolher hoje, hoje eu não...

Deixa eu te contar uma, eu estava na pedra lisa mesmo, chegou um pessoal que vinha na época era "Escola Ativa", não sei se você chegou na época a escola ativa, mas acho que foi 2002. Aí chegou um pessoal que fazia... acho que era (nome da moça), não estou lembrado direito mas acho que era, coordenadora do da Escola Ativa e eles vinham para visitar na época, visitar as Escolas Ativas como e que estavam. Quando chegou lá, o motorista falou comigo, apertou minha mão e disse: "Você é o primeiro homem que eu vejo que fala grosso como professor". Desse jeito, que já tem a questão de professor que já leva para o outro lado né. Aí quando o cara chegou lá que apertou minha mão e falou: "É a primeira escola que eu vejo um homem falar grosso", aí eu já... Porque geralmente nem muitos homens querem ser professor. Principalmente da Educação primeira fase, por aí. É complicado. Hoje o pessoal aqui em Dona Inês/PB tem muita gente... Algumas pessoas veem a questão financeira, não estou generalizando, mas algumas pessoas é por conta disso. E na minha época... como vou reportar, eu mesmo se fosse para fazer eu não faria.

Mas assim, hoje como eu já estou encaixado já, não tem mais perigo. Não, mas assim, é uma área boa, muito boa. É muito gratificante quando você chega... pega um aluno bruto, sem saber de nada e você vê o progresso dele, é maravilhoso, muito bom.

Falta mais informações para os homens entrarem nessa área de Educação Infantil. Porque é um ambiente quando você entra, é muito bom, é muito prazeroso. Quando eu estava eu me sentia realizado em trabalhar na Educação Infantil. Teve um momento que eu preferia estar mais na Educação Infantil do que com as outras turmas. Então, acho que falta mais os homens, os professores, assim... se cada um tivesse experiência, primeiro experiência para depois falar, aí eles iriam ver que o mundo da Educação Infantil é muito bom. E falta muita informação e incentivo para que os homens, professores homens abracem essa causa também. Eu acho que oportunidade né? Porque eu acho que muitas vezes quando você é convidado, você logo começa a estranhar e até recuar, mas quando você entra na área mesmo que começa a lecionar é outro mundo. Eu gostava muito. É como falei para você, no primeiro momento que eu peguei achei

estranho, mas no decorrer dos primeiros 2, 3 meses eu já estava adaptado, aí depois desenrolei, é questão de conhecimento, né verdade? De conhecimento.

QUADRO 3 - Professor Florestan Fernandes

Professor Florestan Fernandes/ Resposta das Dimensões
PESSOAL
<p>Boa tarde Eduardo, é um prazer estar aqui fazendo esse trabalho com você, e realmente a minha vida foi sempre aqui em Dona Inês, não na cidade, mas sim na zona rural. Então Eduardo, eu nasci de família pobre, como a linguagem popular daqui da nossa região, meus pais sempre trabalharam na agricultura, e logo em seguida da construção da minha família, meu pai foi embora deixou minha mãe grávida de mim principalmente, ela ficou com dois meses de grávida, e ela ficou lutando, pela a sustentação da família, dos 7 filhos que ela lutou sozinha.</p> <p>Isso, naquele tempo dos anos 60 para 70, foi assim, um período difícil, era uma época difícil para as famílias que tinham muitos filhos. Mas, graças a Deus eu tive a felicidade de ser formado dentro dessa família, de uma mãe que criou 7 filhos sozinha, e me deu o que ela achou que era necessário para minha vida, que foi a educação.</p> <p>Sempre apoiou, foi muito difícil. Então assim, foi difícil na minha formação, na minha criação, porque, você imagina aí naquele tempo a gente ser criado sem pai. E naquele tempo não tinham os programas sociais que hoje tem, não tinha Bolsa Família, não... enfim, não tinha bolsa. Então para você sustentar a família naquela época, você tinha que realmente trabalhar. Então, qual era o trabalho daquele tempo, para que as famílias sustentassem os filhos? eram no cinzal, eram trabalhando para aquelas pessoas da família que tinham mais poderes aquisitivos, colhendo feijão, plantando no tempo do inverno, e no tempo da seca era o trabalho com cinzal. Foi muito difícil para que minha mãe pudesse cuidar de 7 filhos. O mais velho ficou com 10 anos, e a gente assim não teve nenhuma ajuda sequer de ninguém, a não ser dos vizinhos que ajudavam.</p> <p>Isso, justamente. Foi muito difícil. Mas, graças a Deus a gente... Eu, e meus irmãos também estudaram pouco, eu fui o mais, avancei mais e graças a Deus, graças a Deus eu consegui, e atingir o objetivo que almejava na minha vida. Eu vim ter contato com o meu pai eu tinha 16 anos. Mas também ele não deu importância, não deu importância alguma, eu como filho procurei ele, e, ele assim, me elogiou, mas em nenhum momento ele falou assim: "meu filho o, eu separei da sua mãe, eu deixei você e nunca dei nada, a partir de agora vou ajudar". Porque foi no tempo da minha formação também que eu vim conhecer ele, segundo meus estudos, mas</p>

enfim, ele não me ajudou em nada, ele não foi pai para me dizer assim: "eu vou lhe dar um quilo de açúcar, um pacote de bolacha", não teve essa...

Então, meus irmãos foram crescendo e foram trabalhando, para ajudar os mais novos. Então o mais velho ficou com 10 anos e assim veio a escadinha, é o contrário, do maior para o menor, e eles tinham que sair para trabalhar para ajudar a minha mãe. Naquele tempo, eles saíam também para cortar cana fora para garantir a sustentação dos outros irmãos, e o mais velho quando completou 16 anos foi embora para o sul, onde até hoje ele não voltou mais para morar aqui, e nós ficamos batalhando, minha mãe com os outros 6, ai depois foi embora mais 2, nós ficamos batalhando, mais assim, meu foco foi mais estudar, meus irmãos iam trabalhar com minha mãe e eu ficava sempre em casa. Na época eu era o caçula, então, eles iam trabalhar e eu ficava cuidando da casa, da alimentação para quando eles chegassem se alimentarem. O pouco que tinha, que naquela época era o que, a alimentação era feijão e farinha, somente, e se tivesse um pedacinho de carne, ou um ovo, ou um.... E assim, eles matavam os pássaros, para que a gente pudesse também se alimentar, tipo, qual o pássaro conhecido? Era a rolinha. Então, tudo servia de alimento para a gente. E lanche era o que? Era jaca, era manga, a fruta da época era a que a gente se alimentava, caju, jaca, manga, o que tivesse. Então, foi um tempo muito difícil, a minha formação desde criança para chegar a adolescência, para chegar a jovem foi muito difícil, muito. E olha que ele, quando ele foi embora que eu nasci, ele veio, voltou em casa só para pegar meu registro, porque ele com o meu registro, com os 7 registros, ele poderia sair fora, trabalhar e ganhar. Só que ele não pensou na gente, ele pensava nele e nos outros meus irmãos lá que ele formou. Então assim, eu passei, vim ingressar mesmo para estudar, na... com 14 anos, que eu vim ingressar matriculado, porque os outros anos que eu estudei foram todos sem registro. Então, eu praticamente perdi, só que os professores da época me ajudavam muito, eu não tinha direito a um lápis, enfim, a uma borracha, tudo tinha que ser comprado pela minha mãe.

No fundamental que foi no terceiro ano já, perdi bastante tempo para estudar. Então, a minha mãe, como o trabalho dela só dava para a gente se alimentar, mal, a gente comprava aqueles caderninhos pequenininhos, eles não eram nem de arame, daqueles cadernos pequenininhos, que é tipo hoje uma tabuada, não sei se ainda tem a tabuada daquele jeito. Pronto, era mais ou menos daquela forma, só tinha o que, doze folhas, e assim, eu escrevia no caderno e depois que terminava eu apagava para voltar a escrever de novo até minha mãe poder comprar um outro caderno para mim estudar. Na época, eu lembro, acho que eu tinha uns 7, 8, 9 anos por aí, e eu via meus coleguinhas da escola ganhando caderno, lápis, borracha, sempre teve, simples mais teve, e eu não tinha esse direito.

Excluído. Excluído porque todo mundo ganhava aquele caderninho de arame, ganhava borracha, lápis, estojinho e eu não ganhava. Então, você não vai acreditar, mas hoje, até hoje eu admiro a três de maio, porque os saquinhos das três de maio eram o que me faziam levar meu livro para escola, e eu achava muito bonitinho. Eu às vezes até brigava com meus irmãos para pegar aquela sacola, para colocar o caderno dentro, o lápis, a borracha, e servir de escarcela para mim de bolsa. Então, eu vi meus colegas todos de bolsas diferentes e eu com aquele caderno lá. Mas fazer o que, eu tinha que.... Então assim, hoje quando eu vejo a bolacha três de maio, me lembro muito daquele tempo. E às vezes até nos encontros depois que eu comecei a estudar mesmo, a trabalhar, eu mostrei um pouco a meus colegas, que a minha vida foi assim, antes eu tinha vergonha de... omitir essas coisas que aconteceram na minha vida.

Eles estudaram, só tem um irmão que ele não gostava de estudar, que é pedreiro hoje. Ele não gostava de estudar, mas os outros todos estudaram 4º série, 3º série, que era na época. Mas só quem terminou, quem fez a graduação só foi eu na minha casa. Ai meus irmãos, os outros que viajaram só vinheram estudar depois, houve a necessidade deles estudarem, lá no sul, então, eles estudaram lá. Alguns terminaram, todos não, mas alguns terminaram também, só o médio.

Olhe, eu...assim... porque todo processo tem um início, meio e fim né? Então, para mim, foi um processo. Eu não vejo como um tempo ruim, porque tudo aquilo serviu para mim de aprendizagem, a separação dos meus pais, o trabalho árduo que minha mãe teve para criar a gente, para cuidar da gente. Então eu não vejo como algo negativo, mas foi o tempo que a gente viveu. Como a gente não, não nascemos numa família média ou rica, nós nascemos numa família pobre, então, assim, foi uma superação, né, a dificuldade serviu para o meu crescimento. Eu não me recordo assim hoje de dizer assim: a, naquele tempo foi muito... tudo bem, foi triste foi, mais eu superei. Então serviu pra mim de superação, e de exemplo né. Que hoje mesmo tudo que eu contei pra minha família eu conto para os meus filhos: olhe, antigamente era assim, a gente viveu assim, vivemos, passamos, é, a gente passou pelo processo e a gente venceu, né. Então para mim eu acho muito interessante. Importante porque o sofrimento da época fez com que a gente crescesse no futuro. As amizades que a gente construiu eram muito boas, eram assim, muito respeitosas cada um com os outros. A gente sempre tem aquelas pessoas mais próximas e aquelas pessoas que nos ajudam também dando conselhos, de uma forma ou de outra, nós ajudando. Então assim, minhas recordações de escola foram muito boas, sempre procurei vivenciar aquilo que a minha mãe sempre me falava: "vá pra escola, cuidado, vá estudar viu". Então, isso para mim foi tudo.

Tenho sim, tenho colegas que estudaram junto comigo que se formaram, alguns não. Outros não deram muita importância, porque naquele tempo, a visão de futuro era diferente da de hoje. O jovem daquele tempo não tinha uma visão... achava que a vida deles ia ser aquela toda

vida. Tive amigos que estudaram também na época, conseguiram, e hoje tem suas famílias, outros também não quiseram casar mas continuam trabalhando e vivem bem. Olhe, na parte fundamental? Não tive a Educação Infantil, e no fundamental 1 nunca tive Professor homem, foram todas mulheres, agora quando eu partir para o médio, ou seja, o fundamental 2 já peguei homens, mas no 1 foi só mulheres.

Não sentia dificuldade nenhuma, por quê no 1 que foi só mulheres, e a gente tem aquela expectativa que quando a gente vai para o 2, muda alguma coisa devido às matérias, aí quando vem para o médio, também. Então, assim, foi tranquilo.

Olha, o meu espelho mesmo de estudo foi minha professora, a primeira, Dona Maria Dalva. Hoje ela já é uma senhora de idade, ainda está viva, graças a Deus. Então, desde os primeiros tempos, dos primeiros anos, aliás, eu admirava aquele jeito dela ensinar, conversar, dela passar também para a gente, bons ensinamentos. Então, ela me inspirou, ela foi minha inspiração. Quando saí do segundo ano que eu vim para o terceiro na cidade, eu também tive uma professora chamada Gelda, que é irmã do professor Amauri França, então foi uma professora que também me inspirou bastante. Então, naquele tempo que eu saí do sítio para a cidade, para estudar na cidade, foi um tempo ainda difícil, porque até para lanchar aqui na escola era difícil, porque quando faltava merenda eu não tinha o dinheiro de lanchar, e muitas vezes eu tive professores que me ajudavam nessa parte. A professora Gelda me ajudava, a professora Dapaz, que hoje não está mais no nosso convívio, ela me ajudava muito com o lanche, então isso também me marcou muito para mim não parar, e na época que eu vim para o médio, ainda quis desistir, já essa professora, Maria Dapaz, que hoje nós temos uma escola no nome dela aqui na cidade, ela me dava cheque, pouquinho de dinheiro para lanchar durante a semana, por exemplo, naquela época era 50 centavos, então aqueles 50 centavos davam para mim todo dia comprar um biscoito e um dindin, como a gente conhece aqui. Então, todo dia da semana, toda segunda-feira ela me dava um cheque, eu ia no banco, trocava, aí eu ficava com esse dinheiro para lanchar a semana todinha. Então, foi uma motivação que ela me deu, que eu não desisti de estudar. Foi bem complicado, mas poucas pessoas sabem disso que se passou, porque era uma coisa minha e dela e ela me pediu que não dissesse para ninguém porque se ela fosse ver todos os alunos pobres que não tinham como lanchar, ela também não iria conseguir ajudar todo mundo. Então quando ela... eu ainda cheguei a agradecer a ela quando ela era viva, eu disse a ela que ela tinha feito parte da minha vida, não como professora, mas também na parte material que ela me ajudava para lanchar. Então, isso foi muito gratificante. Eu me realizei, e assim, foi com que me deu incentivo a avançar.

FORMATIVO

Olha só, eu ingressei na minha faculdade, magistério, eu não tinha terminado nem o médio ainda quando ingressei no magistério, e eu com a sétima série. Foi no ano que a professora Vilma, também uma professora que me incentivou muito, me chamou para ensinar, eu tinha 20 anos, eu com 20 anos não tinha terminado o ensino médio ainda. Mais daí eu ingressei no magistério, que podia ingressar, com a 8º série eu podia ingressar no magistério, então eu ingressei.

Tinha que fazer prova. Eu só passei porque fiz a prova e deu certo. Então, assim, essa professora que foi Vilma na época, ela era professora e depois ingressou como secretária da educação aqui da cidade, então, ela me incentivou muito, sabe. E eu fazia magistério e estava cursando a 8º série da época, já passava para o 1º, não existia o 9º. Então, eu fui fazendo os dois, certo? Então eu terminei o médio e logo em seguida terminei o magistério. No tempo do magistério a gente já ingressou na faculdade de Pedagogia, também com o incentivo dela, que sempre falava assim para a gente, olhe: "vocês estudem, que vai chegar um tempo que vocês não vão ter um trabalho se vocês não tiverem a graduação. Então, assim, ela foi uma grande mulher que incentivou a gente.

Olhe, o magistério eu fiz uma maior parte em Tacima, na cidade de Tacima aqui vizinho a nós. Então, assim... para gente ir pra lá foi um tempo tão difícil. Porque naquele tempo ninguém

tinha moto, não tinha bicicleta, não tinha carro, então a gente ia pegando carona, o que passasse, podia ser um trator, uma caçamba.

A gente tinha uma equipe, acho que 5 pessoas na época. Então, para gente chegar lá no horário certo era difícil, para gente voltar para chegar em casa era um tempo muito... Era à tarde. Eu voltava para cidade, e da cidade eu ia a pé para o sítio. Nós cinco íamos caminhando a pé, nós chegávamos na cidade de carona, às vezes às 6 horas da noite, 7 horas da noite, aí a gente ia caminhando para o sítio. Muitas vezes chegava em casa 8 horas, 9 horas da noite. Então, foi tudo muito complicado, mas a gente conseguiu. Para a gente terminar o magistério foi muito complicado também, devido ao transporte, porque naquele tempo as prefeituras não ofereciam transporte para a gente ir estudar fora. Então a gente tinha que meter a cara. Mas assim, acho que os planos de Deus, ele prepara pra cada um de nós, porque assim, se não fosse providência, a gente não chegaria lá.

Tem muitos acessos, para você ter uma faculdade, para você ser graduado, para você ter uma formação que futuramente pode lhe dar um trabalho, nossa, então...

Olha, é, assim, devido ao incentivo dos meus professores anteriores, aquela forma que eles conversavam, que eles escreviam no quadro, o que me conquistou mesmo naquele tempo de giz, era a professora pegar no giz e escrever, e dizer: "olhe, faça assim, me copie, faça do jeito da minha letra". Então, isso me conquistou demais. Eu acho que foi providência também, porque era o que eu queria, talvez naquele tempo, eu queria ingressar na psicologia, mas eu achei um curso muito pesado para mim na época, não tinha muito recurso, então eu me graduei na Pedagogia e foi isso mesmo que eu queria, foi isso mesmo que eu quis, porque hoje eu me sinto assim, super satisfeito. Poderia até fazer uma outra área, mais, assim, devido já minha idade, não tô tão velho, mas eu acho que é melhor a gente também dá espaço para os outros, para os jovens, tem tantos jovens sem trabalhar né.

Como a gente já tava na área, então assim, a secretária incentivou a gente a fazer a pedagogia, ela quem trouxe as informações para a gente, só que não foi na cidade, foi em Guarabira, a gente se deslocava para Guarabira para fazer o curso, e foi difícil também porque naquele tempo a gente teve que correr atrás de recursos para se locomover para a lá. Então, graças a Deus o prefeito, nessa época já tinha sido notificado, nós fomos até ele e conversamos, a equipe, era uma equipe bastante... acho que uns 20, 25 alunos e a gente conversou com ele e ele passou a dar o transporte para gente se locomover até lá, em Guarabira no colégio Da Luz.

Era particular. Porque assim, quando ela entrou no município, a educação estava bem defasada, então ela quis avançar para que o nosso alunado no nosso município crescesse também. Então, para que o nosso município pudesse crescer, ela tinha que ter professores formados,

especializados, que naquela época não tinha professor formado. Nós tínhamos professor na época até com 4º série aqui, que na época era série né. Então assim, ela era uma mulher guerreira, ela é uma mulher guerreira. Então, ela foi buscar cursos para que a gente pudesse se especializar, se graduar para poder partilhar com o município o crescimento.

Em Guarabira. E em Tacima foi o magistério. O magistério foi primeiro, terminou o magistério e a gente já ingressou... Tudo foi processo.

É, realmente as mulheres sempre são as que mais frequentam essa área de pedagogia, na época tinham pouquíssimos homens. Se não me engano, acho que uns 5, o resto era só mulher.

Como a sala era formada de 25 alunos, eu acho que tinha uns 8 homens, o resto era só mulher. Naquela época, a 30 anos atrás os homens não se interessavam muito á ser professor, acredito eu. Olha, quando eu vim perceber isso mesmo, foi os próprios professores que chegaram a relatar, que o curso de Pedagogia era mais por mulheres, porque os homens não queriam frequentar, os homens achavam que não eram a área deles. Então, já tinha essa visão meia torta, porque acho que as famílias, os pais já passavam isso para os filhos, que só quem podia ensinar era mulher, não homem. Você pode ver que os pais hoje querem que os filhos sejam jogadores, vaqueiros, então.

Nossa, eu sempre me senti à vontade, eu nunca tive nenhuma, assim, nada que me contrariasse não. Não não, ninguém. Nunca vi comentários algum assim."

Então, justamente é os pais que passam isso para os filhos. Você vê que muitos pais hoje, eles não querem os filhos em alguns... fazendo alguns cursos. Porque ainda existe, existe esse tabu ainda. Então assim, os pais acham que os filhos homens, tem que ser homem para trabalhar em coisa de homem.

Que bom. Então assim, acho que hoje a sociedade está bem evoluída, então, eu não sei, existe ainda porque aqueles pais que foram criados com pais muito rígidos e têm uma visão diferenciada do da sociedade que tem hoje, ainda existe né, mas, são poucos, acho que são poucos, a sociedade hoje tá mais evoluída, cresceu em mente, enfim... em tudo.

Não, não. Eu pelo menos assim... olhe, porque outra coisa também, eu vivi sempre na sociedade, mas eu não vivia tipo, em campo de futebol, eu não vivia... hoje os meninos ainda, pegando passarinho, pescando, essas coisa. Eu nunca me envolvi nessa parte, eu era mais focado no meu estudo. E final de semana igreja, o meu foco era essas duas coisas, era estudar, final de semana, igreja. Então eu não escutava muito palavras de pessoas que eram contra isso ou aquilo, contra o estudo, a pedagogia.

Eu acho que não. Não porque eu já fui estudando e já fui focando naquilo que me fazia bem. Porque nada no mundo fez com que eu desistisse. Até hoje quando eu ponho a cabeça que

vou fazer algo eu faço eu vou até o fim, não interessa quem esteja ao meu redor, eu quero fazer meu trabalho, eu quero foco, então eu vou lá.

Mas rapaz, eu ia deixar de viver por causa de fulano ou beltrano, fulano que fala isso, fala aquilo, eu não. A gente tem que viver a vida da gente."

Porque eu poderia é... como eu fui criado sem pai, criado num ambiente pobre, deveria ter talvez hoje, ter mudado de pensamento.

Então, foi uma boa formação, em um ambiente excelente, porque lá o colégio era particular. Então, assim, a gente tinha um ambiente, normal, que era necessário para época. Hoje talvez seja melhor porque a tecnologia avançou, mais o ambiente era bom, a gente... eu vinha do sítio, já na época já tinha uma moto, eu vinha de moto do sítio, pegava o ônibus aqui, ia pra lá, a gente passava o dia todinho, era integral e os professores foram excelentes. A formação em si, foi muito boa, porque hoje mesmo se eu for dar uma aula de tal assunto talvez eu nem precise estar com o livro na mão. É porque assim, os professores da época foram muito, muito bons, eles focavam mesmo naquilo que a gente necessitava para o futuro, mesmo sem a gente não ter a tecnologia que hoje tem, mas a gente foi bem graduado. A entidade que a gente fez, que foi a UVA do Vale do Acaraú, ela disponibiliza de muitos livros pra gente ler.

É a entidade que a gente fez a faculdade, UVA Vale do Acaraú. Era uma entidade que, acho que é do lado aqui do Sertão, mais que era reconhecida pelo MEC. Olha, eu não sei se ela existe, eu não sei. Porque os professores ficaram já idosos, eram idosos na época, ou talvez venderam para uma outra pessoa, ou passou por alguma reformulação. Mas foi muito... nós fomos muito bem graduados, isso aí eu digo a você com toda certeza. Até porque, a entidade era particular, mas assim, nós focamos que era aquilo que a gente queria, eu digo a gente porque tinha meus colegas também que hoje quase todos estão se aposentando, principalmente as mulheres, mas assim, nós fomos bem graduados.

PROFISSIONAL

Eu venho trabalhando desde 1993, e durante esse tempo, não foi comentado que o homem não poderia ensinar na Educação Infantil, mas em alguns encontros que nós tivemos com a secretaria, com alguns formadores que vinheram, alguns bateram na tecla. Não diziam porque, mas sempre diziam assim: "olha, a educação infantil seria bom que fosse uma mulher, os homens podem ficar na parte fundamental". Mas também eu nunca dei muito ouvido, também não perguntei. Eu atuei há 5 anos atrás. Essa parte que eu atuei foi bem recente. Eu já estava com 25 anos de trabalho, a 5 anos atrás, eu tô com 30. Devido a falta de professores feminino que não

tinha e a área lá era uma área distante, então a secretaria achou por bem que eu ficasse com uma cuidadora. Eu tive uma cuidadora também, nós tínhamos um aluno especial, e criança que está no infantil ela sempre necessita de ir no banheiro, às vezes de fazer xixi na fralda, então precisa sempre de alguém para esta cuidando, então, foi colocado uma cuidadora.

Não, não, essa parte aí não tinha. A cuidadora que sempre fazia isso para mim. Tem os cuidadores que cuidam juntamente com o professor, e hoje como a gente está tendo muita criança que está com problema de autismo na sala de aula, sempre todas as salas infantis tem um cuidador, ou seja, se uma turma passar de 20 alunos, aí a gente já necessita de um cuidador, porque a criança precisa ir no banheiro, precisa ir tomar água, enfim... Então tem que ter um suporte. Isso nos ajuda também no crescimento da turma, porque só uma pessoa para 20 alunos, crianças com 4, 5 anos não é fácil. Bem corrido mais dá certo. Então, o tempo lá foi bom, eu gostei demais, é uma turma que a gente brinca, a gente canta, e eles gostam muito, se apegam muito a gente, isso é muito bom, é muito gratificante. Nossa... porque assim, como eu cresci na igreja dando catecismo a criança, então aprendi muitas músicas, mesmo assim na idade que estou hoje, brinco, canto, pulo com eles, e criança gosta disso. Se apegam muito a você. Então, é uma coisa muito muito boa, é um... eu sempre digo: é uma benção de Deus na vida da gente. Foi na Cícera Ferreira . Zona rural. Tinha 18 crianças.

Não, Eduardo, não. Sempre tive uma boa convivência com os pais, porque eu sempre trabalho com a comunidade dentro da escola, sempre deixo essa abertura para que os pais participem, para que os pais venham, perguntem. No período das festas de comemoração dos pais sempre estão dentro da escola, quando eles vêm trazer as crianças, sempre a gente tem uma conversa. Então, eu sou muito aberto e sempre fiz esse contato, dos pais dentro da escola, onde eles me ajudam também. Até às vezes precisa de um pai, uma torneira quebrou, uma lâmpada queimada, a frente da escola está com mato. A gente até planta alguns legumes na escola quando tem espaço, e lá tinha um espaço bom, a gente plantava milho, feijão, e no período da colheita fazíamos pamonha para escola mesmo, distribuía para todo mundo, os pais vinham ajudar, 100% participação dos pais. Até hoje mesmo recebo de lá as frutas da época, no tempo dos legumes que estão colhendo eles vem trazer pra mim, jerimum, feijão... Ontem mesmo eu ganhei frutas, tem 5 anos que saí de lá. Do mesmo local que eu trabalhava a 5 anos atrás, hoje eu recebo muitos presentes dos pais. Até no meu aniversário alguém vem trazer alguma lembrança aqui para mim. Então é bem gratificante.

Não. Na rede municipal nós temos na primeira fase, acho que uns 6 ou 8 professores masculinos. Não, na mesma escola não, na rede do fundamental 1. Na Educação Infantil tinha eu e mais 2, porque tinha Ivonaldo e Manassés. Acho que eles atuaram mais do que eu no Infantil.

Então Eduardo, acho que não é porque os homens não tenham ou não queiram, é devido mesmo a demanda, porque assim, como nós temos muitas escolas e nem todas as escolas têm o infantil, e como você está me relatando que a Educação, que a Secretária informou que só tem 1, realmente é devido a localidade. Então como o professor lá é T40, então só tem essa turma que ele toma conta, e nas outras localidades, nas outras escolas tem professoras que atuam na Infantil devido a necessidade mesmo. Eu não vejo nenhuma... nada diferente ou que a secretária não queira colocar, porque ultimamente mesmo, eu fui passar uma semana no Infantil. Então assim, eu não vejo nada de anormal. Agora se tivesse mais professores homens, aí talvez eles atuassem mais. Mas como não tem, somos poucos.

Tenho, pode acreditar que se fosse para mim fazer um curso ia fazer dentro da educação. Faria de novo Pedagogia, porque vale a pena você está numa sociedade onde você está contribuindo para o crescimento de tantas pessoas. Você futuramente vai ver um aluno seu que é um médico, um professor, enfim... tantas profissões que foi você que deu o primeiro passo, foi você que construiu a base, então isso é muito gratificante. Que reconhece, a gente sempre tem, às vezes: "professor eu estudei com você," "professor como foi bom naquele tempo". Então isso é muito bom, eu me sinto realizado, pode ter certeza.

Olhe, é questão de consciência de cada um, eu vejo como uma questão de consciência, se é isso que você quer, então você tem que procurar, porque divulgação acho que não falta, da Pedagogia. Mas assim, tem homens que não se vê como professor, então por exemplo, se eu me identifiquei, se você se identificou, então nós somos poucos, e acho que vai continuar sendo assim, no meu ponto de vista, porque nem todo homem quer ser professor, eu não sei porque, mas também nós não vamos ter: "a, não vai ter nunca um professor homem", vai, agora com minorias, porque a visão do homem eu acho mais fechada nessa parte de ser professor. Não é questão de divulgação, porque a divulgação existe. Hoje se você abrir as suas redes sociais que você frequenta, perceberá que são muitas divulgações, muitos colégios, muitas entidades convidando você para fazer curso disso, curso daquilo, tal e tal e tal... mais é questão de consciência de cada um. Então você percebe isso, falta de interesse dos homens mesmo, de querer entrar na área. Não sei se é isso que está faltando, mas para meu ponto de vista não é.

QUADRO 4 - Professor Paulo Freire

Professor Paulo Freire/Respostas as Dimensões
PESSOAL

Eu nasci no sítio Zé Paz, aqui em Dona Inês-PB, sou natural de Dona Inês. Pensei, mas... não deu certo, surgiu o concurso, fiz, deu certo e fiquei por aqui mesmo. Minha família sempre me incentivou desde criança. A gente trabalhava na agricultura, trabalhava um horário na agricultura pela manhã e eles mandavam a gente para a escola à tarde, um período trabalhando e um período na escola. A gente levava até o texto para estudar para a prova dentro do roçado na hora do lanche, pegava, lia as questões e estudava, porque era trabalho e escola. Eles priorizavam, davam força, sempre me incentivando. Minha infância foi muito difícil, eu sou filho de pais agricultores, e a nossa vida era no campo, na roça trabalhando, não tinha muitas condições, essas coisas. Não comia o que queria, só o necessário mesmo, só conseguia o necessário. Meus pais tinham que sair, meu pai principalmente tinha que sair de Dona Inês-PB para outro estado para conseguir alguma coisa. Era assim, não era tão fácil, era difícil, bem difícil mesmo. Era eu e mais 11. Eram 14, morreram 2 de aborto e viveram 12, continuaram vivos comigo 12 pessoas. Muita gente, tinha que correr atrás mesmo. Eu sou o encostado ao caçula.

Foram boas, proveitosas, só para o nosso conhecimento mesmo. Sofri, sofreu, mas a gente só consegue crescer através do esforço, errando, caindo, levantando, a situação é essa. Foi construtiva, para minha evolução, para eu ser a pessoa que sou hoje, serviu para isso, para me motivar cada vez mais a correr atrás dos sonhos, dos meus objetivos. Eu comecei com 8 anos. Já ingressava no 1º ano, aí comecei com 8 anos, porque completo ano no dia 11 de março, e só podia entrar na escola a partir de 31 de março, completando 7 anos, aí entrei com 8 anos, porque normalmente é com 7. E hoje é com 6. Comecei aos 8 anos. 1º ano e fui até... Eu me recordo pouco, mas eu gostava bastante. Eu acho que eu era o primeiro da turma, os professores sempre me elogiavam, e ajudava também os colegas nas tarefas, sempre fui dedicado.

Poucas. Eu era aquele rejeitado, ficava no canto. Eu não era assim, de me enturmar com os outros, um ou dois só, poucas pessoas. Porque minha realidade era do sítio, uma realidade pacata, timidez também, muita timidez nesse tempo, aí ficava no meu canto.

Isso nunca me atrapalhou não, nunca tive, mas tinha essa situação. Porque meu caderno era bem... e eles usavam capa dura e a minha era capa mole nesse tempo. Mas eu nunca tive inveja não. Aceitava de boa. Eu era bem reservado mesmo, não gostava não, de folia, de estar bagunçando, gritando, arrumando turma assim, de matar aula, essas coisas assim, porque meus colegas matavam muito, andavam na rua, ficavam com raiva de mim porque eu ficava na sala, porque se todos saíssem o professor não dava aula, então eles ficavam com raiva. Só professoras mesmo. Foram 2 professoras, Graça e Dalva, durante o 1º ano a 5º série foram 2 professoras. Eu levava de boa, normal, situação normal.

Tinha meu tio, Odilon Matias da família da minha mãe. Eu tinha esse conhecimento que ele era um ótimo professor, também era um professor alfabetizador, ensinava na própria casa, aí levando isso em consideração eu me motivei mais, tive mais motivação para seguir a carreira de professor também. Deu o incentivo. Ele era professor de matemática nesse tempo. Ensinava tudo, era reforço, educação fundamental, médio, tudo, dava aula particular. E hoje ele é o patrono da minha escola, a escola que eu ensino tem o nome dele: Professor Odilon Matias de Araújo. E na mesma escola que eu estudei leciono hoje, que eu estudei a 1º série, o fundamental e hoje estou como professor. Antes aluno e hoje professor.

Eu só pensava, mas imaginar voltar ao lugar que estudou... E eu sempre falo para meus alunos: "Antes eu estava aqui como vocês, como aluno (sempre motivando eles) eu era aluno e hoje voltei como professor", aconselhando para eles continuarem os estudos, para motivar mais, para que eles continuarem em frente e um dia quem sabe um deles voltar também como professor ou professora. Bem mais difícil. E a situação também do dia a dia? Hoje os alunos têm tudo na mão e não valorizam, a grande maioria não valoriza. Morava no sítio. No mesmo sítio, no sítio Zé Paz. Era pertinho, a gente ia caminhando mesmo, acho que era uns 10 minutos a pé, era próximo. Aí muitos animais na estrada, aquelas vacas bravas, cachorro, tudo. Era difícil a situação. Mas graças a Deus eu venci e estou por aqui contando a história.

FORMATIVA

Eu soube que ia ter o vestibular aqui em Dona Inês mesmo, nessa época foi Vilma Almeida que trouxe a UVA para aqui, Dona Inês mesmo no Humberto Lucena, aí eu soube, me matriculei para fazer o vestibular, passei, só que eu não tinha condições, dependia dos meus irmãos que estão em São Paulo. Eles mandaram a mensalidade para eu pagar. Era pago. Mas Como meus pais não tinham condições e meus irmãos estavam em São Paulo, aí eles mandavam e eu conseguia pagar a mensalidade. Era aqui em Dona Inês mesmo. Se não eu não teria feito, não tinha nem condições para pagar o que? Transporte, matrícula, material de faculdade, lanche, tudo. Minha mãe quem mandava meu almoço, minha quentinha. Meu irmão tinha uma casa aqui na cidade, aí ela mandava pelo meu irmão e ele trazia, eu almoçava e retornava para... porque era o dia todo, era nos sábados o dia inteiro, era todo sábado, uma vez por semana.

Tinha acabado de terminar o ensino médio. Terminei e já ingressei na Pedagogia pela UVA, particular. Depois faltava um ano para terminar a UVA, fiz vestibular para UEPB, passei e terminei Letras na UEPB. Não foi fácil também, dependia da gratificação do prefeito para pagar o transporte que nesse tempo não tinha ele dava uma bolsa de R\$ 150,00, eu pagava o transporte e ia estudar toda noite, estudava a noite e ensinava durante o dia. Cheguei em casa 11 horas da noite

para fazer alguma coisa, tarefa, pesquisar alguma coisa ainda, ia dormir o quê, uma hora da manhã para dar conta de tudo. Eu pensei logo: "Vou fazer, vou encarar", e fiz e consegui. Eu já fui professor do Brasil Alfabetizado com 15 anos de idade, aquela viagem que tinha para ir para Belo Horizonte, parece que foi em 2001, eu tinha 15 anos fiz a seleção, era até Vilma Almeida a mulher do prefeito, aí fiz a seleção e passei aí a gente fez uma viagem para Belo Horizonte para passar 17 dias na formação, a pessoa voltava e lecionava seis meses a jovens e adultos, nesse tempo era alfabetização solidária nesse tempo. Eu morava no Zé Paz 2 e ensinava no Zé Paz 1 e toda noite ia a pé, seis meses a pé. Acho que umas meia hora, ia a pé e voltava. Para não ir sozinho, iam um irmão meu e um primo me acompanhando. Saía de casa umas seis e meia, chegava às sete, ficava até dez lecionando e voltava. Com 15 anos já consegui entrar em uma sala de aula, isso foi em 2001 e voltei como efetivo em 2009, onde fiz o concurso, passei, e já voltei como efetivo.

Tinha acabado de cursar Pedagogia, estava terminando ainda, e o pessoal aconselharam: "Não faça não que você nem terminou pedagogia ainda", só que demoraram chamar, e quando chamaram já tinha terminado o curso, aí deu tempo. É o que apareceu, primeira oportunidade e como não tinha outras oportunidades a gente tinha que pegar a primeira que aparecesse, aí eu peguei, enfrentei, hoje estou gostando, faço por amor, porque toda profissão você tem que fazer por amor, se não tiver amor não flui não, não tem evolução nenhuma e se você está em uma profissão que não gosta, parte para outra que é melhor do que ficar se matando sem gostar, só se torturando. Quando você faz por amor, tem evolução tanto da parte da pessoa buscando formação continuada quanto do aluno também.

Era 35. Acho que tinha eu e mais 2 homens e o resto era tudo mulher. Nesse tempo já eram professores que lecionavam aqui em Dona Inês, e como Vilma era bem ativa mesmo, resolveu chamar a UVA para cá, uma filial aqui em Dona Inês, aí já colocou os professores que já trabalhavam para... porque eles ainda não tinham uma formação, eles não eram ainda... não tinha curso superior, a maioria. Aí estava exigindo, ela trouxe e o pessoal que já atuava começou a estudar também para ter o diploma do curso superior. Era bem estranho. Só tinha eu e mais 2, o resto tudo mulher, mas não foi tão difícil não. Se tivesse desmotivado eu teria desistido no primeiro dia, porque tudo na minha vida não foi fácil, até para sair do sítio para ir estudar aqui em Dona não era perto, todo sábado. Era o que eu queria, que almejava, me dediquei e consegui. Porque não foi fácil, não tinha transporte, era a pé, saía na chuva, no sol, voltava à noite, Tinha dia que terminava tarde, tinha que enfrentar, muitas vezes chorava pelo caminho querendo desistir, mas... é assim mesmo, não tem nada fácil na vida. Eu pensei em desistir várias vezes, só que... "não, você vai continuar, é melhor, pensar no futuro." Se fosse um estudante de hoje, tinha chegado nem a uma semana. eles sempre me motivaram, me ajudavam, faziam tudo, nunca

chegaram a dar pontos negativos, sempre positivos me motivando. Nem amigos. Também eu era de poucos amigos, até hoje sou de poucos amigos. Amigos influenciam muito, se eu fosse de muitos amigos talvez eu não tivesse nem feito, nem terminado. Ainda bem que eu era de poucos amigos.

Sou formado em Pedagogia, em Letras pela UEPB, especialista em supervisão e orientação. E nós professores somos constantes estudantes, temos que estar sempre se aperfeiçoando, buscando inovar no dia a dia em sala de aula. Penso em Educação Física e entrar no mestrado ainda.

PROFISSIONAL

Sempre trabalhei como professor efetivo. Comecei aqui no Mundo Encantado, com crianças na pré- escola de 5 anos, turma de 20 e poucos alunos e foi difícil no primeiro, em 2009 foi a minha primeira sala, sem experiência nenhuma, deu vontade de abandonar tudo e desistir, mas... porque eu nunca tinha entrado em uma sala de aula com crianças de 5 anos, até se acostumar, se adaptar foi difícil. Mas hoje é normal, já tenho 14 anos de experiência, já passei por tudo já. Eu ensino lá no Zé Paz 2, na Escola Municipal José Odilon Matias, na zona rural, de manhã são alunos da pré-escola de 4 a 5 anos e primeiro ano, é infantil e primeiro ano de manhã, e a tarde é do 2º ao 5º com turma multisseriada. Eu sempre trabalhei assim, com turma multiseriada. Teve ano que peguei do 1º ao 5º 29 alunos em uma sala só, mas o professor vai se acostumando e controlando direitinho. Esse ano agora são 29 alunos, 13 de manhã do Infantil ao 1º ano e a tarde 16 do 2º ao 5º. Na minha escola que trabalho são apenas eu e a auxiliar. A comunidade lá é a que eu sempre vivi, nasci e cresci e estudei, então todo mundo já me conhecia, então não houve isso por parte dos pais não. Ajuda bastante, eu convivía lá com os pais, eu conversava, visitava, eles me conheciam, já sabiam quem eu era, não teve nenhuma rebelia não, já tinha conquistado todo mundo já.

Como já são alunos de 4 á 5 anos, elas já vão só, já tem autonomia. Quando acontece alguma coisa tem a auxiliar, eu peço para ela ajuda para auxiliar. Não, eles vão só. Só acontece de vez em quando, mas é difícil, é difícil, até de adaptar. Porque eles já tem 4 anos, acho que as mães já ensinaram em casa, então já tem uma certa autonomia já. Ainda não. Nenhuma situação desse tipo ainda não. Porque já são maiorzinhos, já vão sozinhos, e quando eles não querem ir sozinhos vai a auxiliar. Mas isso raramente acontece, é muito difícil. Como as turmas são pequenas, não são numerosas, um professor só dá conta.

Já trabalhei aqui na cidade também tirando folga, licença, já trabalhei no Antônio Mariz, no Mundo Encantado, Luquinha, quase todas. No sítio já faz 8 anos que estou lá, como na

comunidade está dando certo, está tendo resultado. Também a secretária sabe que estou dando conta, que está havendo uma evolução, aí me deixam no mesmo lugar.

Psicólogo, gestor, porteiro quando precisa, coordenador, tudo. Porque lá a pessoa quem resolve a parte burocrática, manda um ofício quando precisa de alguma coisa, pede lanche quando está faltando, essas coisas, multifuncional.

Eu acho algo satisfatório, porque estão reconhecendo meu trabalho, estão vendo que está dando certo e estão me colocando no mesmo lugar que estão vendo uma aprendizagem significativa, que estão vendo que as crianças estão aprendendo e me deixando no mesmo lugar. Porque certamente se não estivesse dando conta, se não estivesse havendo resultado, com certeza eles me remanejaram para outro local, para outra escola, outro ano, outra série.

Mas tinha mais homens também, tinha eu, Espedito, bem uns 5 comigo, só que eles... acho que não estava dando certo, sei lá... e mandaram para a cidade, mandaram para outro ano, outra turma. Espedito também estava só que ele quis um horário só esse ano, parece que ele foi do 3º ao 5. Ano passado ele era da Educação Infantil, Manassés também era lá do Zé Paz 1, trabalhava com Educação infantil, hoje está na cidade com turmas de 3º ano.

Depende das circunstâncias, da realidade, da situação da rede. A escola também tem poucos alunos e só querem deixar um professor dobrando e acho que deve ser por isso também. Deixar igualar a mesma coisa, homem tanto mulheres os mesmos direitos? Devem sim, colocar mais homens na Educação Infantil, porque eu acho que tendo a prática, essas coisas desenrola numa boa, o negócio é buscar. Porque o homem pode brincar, pode pular, pode cantar, pode fazer o que quiser, aqui eu sou eu, lá eu sou o professor Ivonaldo, lá eu faço o que for necessário. Aqui eu sou eu, lá eu sou um personagem, sou o professor deles, então eu tenho que me adaptar aos alunos, a faixa etária dos alunos, por mais que eu não cante, que eu não brinque mais lá tenho que fazer. Se transforma, tem que se transformar. Aqui no meu dia a dia eu tenho meu jeito, durão, mas lá eu brinco, eu sou criança, sou palhaço, sou tudo, e a criançada gosta, eu chego eles abraçam, eu falo: "amanhã vai vir outro professor", elas falam: "não, não, a gente quer o senhor, quer o senhor", aí tem uns que começam a chorar, e elas vão se acostumando, se apegando. Defenda isso que tá ótimo isso aí, todo mundo é capaz, é só querer.

Com Certeza, é minha identidade a Pedagogia, eu não pretendo mais ir para nenhuma outra área não, pretendo continuar como estou. Porque como eu tenho Letras, o pessoal fala: "Porque você não vai ensinar no Humberto Lucena na segunda fase? não, se eu estou gostando da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, vou permanecer por aqui. Futuramente quem sabe se surgir uma oportunidade e der certo eu me remanejamento, mas eu quero continuar na Educação Infantil, uma turma na Educação Infantil na primeira fase e se der certo outra na segunda fase, eu não quero

sair. Já me aconselharam muito: "Porque você quer ir trabalhar com crianças? Dá muito trabalho", não, se eu gosto eu vou permanecer com as crianças, os jovens já têm uma mentalidade formada, já a criança a gente conversa direitinho e vai conversando e elas vão entendendo. Futuramente, quem sabe, mas por enquanto eu prefiro continuar onde estou. Gostei demais, me sinto em casa quando estou com a turma de crianças, não vejo nem a hora passar, quando vou ver já é hora de liberar os alunos para casa.

Incentivar a figura paterna a também aderir a Educação Infantil, a estudar, a buscar o curso de Pedagogia, porque se a mãe é capaz, se a figura materna é capaz a paterna também é, com certeza, deveria ter um incentivo, não ter estereótipos, a pessoa dia: "A, e mulher que tem que estar na Educação Infantil, homem não vai dar conta, não tem jeito essas coisas", mais isso é besteira, qualquer um é capaz, é só querer, se dedicar que consegue. Mais antigamente pois era bem mais rígido, era mulher, mulher e pronto, homem não entrava não, não tinha vaga para homem não, foi abrir agora a pouco, alguns anos atrás, que antigamente era a figura materna, a mulher mesmo na sala de aula. Hoje continua, mas acho que antes era bem mais. Hoje ainda tem, não deixou de existir, mas ainda tem, mas acho que é menos.

De mais oportunidades. Surgiu oportunidade, não tem outra alternativa você tem que meter a cara. Eu não queria Pedagogia, queria mesmo matemática, só que veio Pedagogia, então entrei, gostei e até hoje. Queria ter minha licenciatura em matemática, mas só que não veio para aqui, veio Pedagogia. E matemática tinha em Guarabira-PB, na UVA, só que não tinha como eu ir, não tinha condições de ir até lá. Aí veio Pedagogia para cá, eu entrei, meti a cara e consegui, apesar das dificuldades deu certo.